

Cadernos de tradução (Porto Alegre) - 2000 n.11 jul/set

Cadernos de Tradução

Instituto de Letras

P
400
A12

 **UFRGS**
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Nº 11

Julho-Setembro 2000

Cadernos de Tradução

Instituto de Letras

Nº 11 – Julho-Setembro de 2000

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	3 ✓
CONHECIMENTO E SIGNIFICADO COMO TRADUÇÃO: SEU PAPEL NO ENSINO DE METODOLOGIAS DE PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS.....	7 ✓
Eva Machado Barbosa	
CULTURAL JOURNALISM AND CRITICISM TRADITION IN BRAZIL OF 1900.....	19 ✓
Léa Masina	
<i>Tradução: Maria Elizabeth U. Loeffler</i>	
<i>Revisão: Neusa da Silva Matte</i>	
O QUE HÁ DE 'INTERESSANTE' NOS ESTUDOS CULTURAIS NA AMÉRICA LATINA.....	25 ✓
Ricardo J. Kaliman	
<i>Tradução: Amanda Francisco.</i>	
<i>Revisão: Fabiano Gonçalves e Patrícia L. Flores da Cunha</i>	
TRADUÇÃO E LITERATURA COMPARADA: CRUZAMENTO INTERDISCIPLINAR.....	39 ✓
Sara Viola Rodrigues	
SEMANÁLISE E TRADUÇÃO.....	45 ✓
Sara Viola Rodrigues	

Cadernos de Tradução

do Instituto de Letras

Diretora: Prof^ª. Maria Cristina Leandro Ferreira

Vice-Diretora: Prof^ª. Sara Viola Rodrigues

COMISSÃO EDITORIAL

Prof^ª. Sônia Terezinha Gehring

Prof^ª. Patrícia Chittoni Ramos

Prof^ª. Érica Sofia Schultz

Organizadora deste número: Prof^ª Patrícia Lessa Flores da Cunha

Capa e Editoração: Leandro Bierhals Bezerra - Núcleo de Editoração Eletrônica do Instituto de Letras

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Letras

Av. Bento Gonçalves, 9500 CEP 91540-000 Porto Alegre-RS

Fone: (051) 3166689 Fax: (051) 319-1719

<http://www.ufrgs.br/iletras>

E-mail: iletras@vortex.ufrgs.br

Apresentação

O presente número dos *Cadernos de Tradução do IL* destina-se à divulgação dos trabalhos orientados e produzidos em atividades de professores e bolsistas de Iniciação Científica desenvolvidas junto ao NET- Núcleo de Estudos de Tradução Olga Fedossejeva, do Instituto de Letras da UFRGS.

Tais trabalhos inserem-se no âmbito temático do projeto de pesquisa “A Práxis Tradutória, a Teoria Comparatista e os Estudos Culturais”, sob a coordenação da Professora Sara Viola Rodrigues e com a participação da Professora Patrícia Lessa Flores da Cunha.

O projeto em questão, agregado às linhas de pesquisa Teoria e Crítica da Tradução e Literatura Comparada e Relações Interliterárias, registradas no Instituto de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Letras, visando a alimentar disciplinas e pesquisas no ensino de graduação e pós-graduação da UFRGS, propõe-se a refletir, do ponto-de-vista da Literatura Comparada, dado o seu caráter de intermediação de culturas, sobre os estatutos da crítica literária através da leitura e tradução de textos fundadores.

A tradução, para Paul de Man, em “The Resistance to Theory”, no ensaio em que analisa o conceito benjaminiano, assemelha-se mais à crítica literária, no sentido da teoria da literatura, que à criação literária (“*poesy itself*”).

Sendo assim, a relação existente entre crítica e tradução propicia um espaço privilegiado de questionamento e produção textual, capaz de corresponder às expectativas e necessidades dos investigadores e estudiosos de literatura preocupados com a atualização de seus referenciais teóricos.

De um lado, assim entende-se o interesse central dos pesquisadores de Literatura Comparada, na confluência dos séculos e milênios, em registrar criticamente o progresso da área, reexaminando conceitos e redefinindo rumos e fronteiras com o objetivo preponderante de esclarecer o próprio conceito da disciplina.

Os Estudos Culturais, por sua vez, emergem então como área relevante de investigação acadêmica, como manifestação da cultura enquanto local de diferença e questionamentos, com tal vigor que, contaminando as pesquisas realizadas em outros campos de conhecimento, estão a exigir maior consideração de suas especificidades.

A necessidade, portanto, de traduzir/verter textos acadêmicos relevantes para o desenvolvimento e a atualização do pensamento crítico nos cursos de graduação e pós-graduação, sobretudo levando-se em conta o caráter de investigação *em progresso* que define os estudos científicos contemporâneos, aliada ao interesse crescente pelo ato tradutório, visto em sua complexidade teórico- crítica, vem ao encontro da finalidade da presente publicação, legitimando sua concepção.

Neste volume, os Estudos de Tradução e os Estudos Literários articulam-se na discussão sobre o lugar da tradução na Literatura Comparada, na questão do outro (multicultural) no texto, nos pressupostos teóricos comuns às áreas investigadas, na prática da tradução em sua relação leitura/produção textual, na contribuição para a formação de sistemas literários e multiculturais, propiciando a formação de comunidades interliterárias. Os textos aqui selecionados, configuram, pois, a possibilidade de relacionar os Estudos Culturais com os Estudos de Tradução na perspectiva contemporânea da Literatura Comparada, contribuindo para a reflexão e a ampliação das fronteiras teóricas inicialmente dimensionadas.

Em “Conhecimento e Significado como Tradução”, Eva Machado Barbosa, professora do Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas promove uma breve reflexão sobre a íntima conexão existente entre os atos de conhecer e traduzir, tomando como objeto a experiência do ensino de metodologias de pesquisa no campo das ciências sociais. O trabalho foi apresentado na X Jornada de Estudos Americanos, promovida pela ABEA- Associação Brasileira de Estudos Americanos, e que se realizou na UFRGS, com apoio do NET- Núcleo de Estudos de Tradução do Instituto de Letras.

Léa Masina, professora do Departamento de Lingüística, Filologia e Teoria Literária, no ensaio intitulado “Cultural Journalism and Criticism Tradition in Brazil of 1900”, parte das relações evidenciadas entre a atividade periodicista francesa e brasileira do século XIX para discutir questões envolvendo a natureza e função do discurso crítico na América Latina. O trabalho em versão na língua inglesa foi realizado pela bolsista Maria Elizabeth U. Loeffler, e revisado pela professora Neusa da Silva Matte, no período em que estiveram associadas às atividades do NET.

O debate instaurado pelo professor Ricardo J. Káliman, da Universidad de Tucumán, Argentina, em sua análise “What Is ‘Interesting’ in Latin American Cultural Studies?” traz sua contribuição a esse importante tópico de investigação dos estudos acadêmicos contemporâneos, também objeto de reflexão e questionamentos no Curso de Extensão El Concepto de Ideología en los Estudios Culturales y Literários, ministrado pelo referido professor no Instituto de Letras da UFRGS em outubro de 1999. Inicialmente publicado no *Journal of Latin American Cultural Studies* (v.7,n.2,1998), o texto foi traduzido e revisado, respectivamente, pelos bolsistas Amanda Francisco e Fabiano Gonçalves, sob a orientação da professora Patrícia Lessa Flores da Cunha.

Os artigos apresentados pela professora Sara Viola Rodrigues, do Departamento de Línguas Modernas do Instituto de Letras da UFRGS, a saber, “Tradução e Literatura Comparada: Cruzamento Interdisciplinar” e “Semanálise e Tradução”, inserem-se no espaço da interdiscursividade, tão significativo para o enfoque atual da Literatura Comparada, na medida em que focalizam zonas liminares entre as disciplinas do conhecimento humano, contrastando e confrontando suas ações de linguagem, relendo e reescrevendo conceitos tradicionais, configurando-se em novas perspectivas ao fenômeno da tradução.

Como pesquisadora integrante do Núcleo de Estudos de Tradução Olga Fedossejeva, desejo agradecer à Profa. Dra. Maria Cristina Leandro Ferreira a oportunidade de organizar a presente publicação. Também sou grata aos que colaboraram com os textos para a criação do presente número, o qual espero, seja útil à área dos Estudos da Tradução que necessita ainda ampliar largamente sua produção teórico-crítica.

Patrícia Lessa Flores da Cunha
Organizadora

Conhecimento e significado como tradução: seu papel no ensino de metodologias de pesquisa em ciências sociais

Eva Machado Barbosa¹

I. INTRODUÇÃO

Este texto nasceu do desejo de compartilhar algumas reflexões, elaboradas a partir de minha experiência docente, sobre a íntima conexão existente entre os atos de conhecer e traduzir, tal como ela se revela no domínio da pesquisa científica e especialmente no ensino de disciplinas preparatórias a esta atividade. Refiro-me a disciplinas de caráter instrumental como a Epistemologia, a Metodologia de Pesquisa e os chamados Seminários de Projeto, com as quais trabalhei em diferentes cursos de mestrado e doutorado na área das ciências sociais básicas e aplicadas.

Essas disciplinas lidam com o ensino de um processo muito específico - o de produzir conhecimentos científicos novos - e sua finalidade primeira é introduzir os estudantes ao que MORIN (1987) chama de "o conhecimento do conhecimento"; ou seja, à problemática do que é conhecer e do como conhecer. Como disciplinas preparatórias, elas constituem um pré-requisito para as atividades de pesquisa propriamente ditas, que os estudantes deverão desenvolver nos seus respectivos programas de pós-graduação, tendo como produto final teses e dissertações. Tomando por base a experiência acumulada no ensino dessas disciplinas, o objetivo desta pequena contribuição é evidenciar como a capacidade de traduzir - antes de chegar a ser uma qualificação profissional específica restrita ao campo linguístico-literário, como poderia parecer à primeira vista - desempenha papel central no campo do conhecimento científico. Isso porque, constituindo uma operação cognitiva básica do ser humano, inerente a todas as suas formas de expressão e comunicação, a tradução está no cerne do problema da representação e, portanto, do conhecimento.

Dois grandes cientistas sociais nos serviram de guia nesse percurso reflexivo: EDGAR MORIN e CLAUDE LÉVY-STRAUSS; e gostaríamos de iniciar citando duas de suas idéias que estiveram em nosso ponto de partida. De

¹ Professora do Departamento de Sociologia do IFCH/UFRGS e dos Programas em Sociologia e Planejamento Urbano e Regional. Doutora em Ciências Sociais pela Universidade de Bielefeld, Alemanha.

MORIN queremos retomar a idéia de que “o problema do conhecimento encontra-se no cerne do problema da vida” (1987:39), transpondo-a em seguida para o entendimento da relação entre conhecimento e tradução. Parafraseando o autor, gostaríamos de afirmar que, de acordo com nossa experiência e de forma análoga à relação entre conhecimento e vida, **o problema da tradução está no cerne do problema do conhecimento.** De LÉVI-STRAUSS tomamos de empréstimo o entendimento da questão do significado: “*Que é que significa o termo “significar” ?*”, pergunta o autor. Para a seguir responder: “*Parece-me que a única resposta que se pode dar é que “significar” significa a possibilidade de qualquer tipo de informação ser traduzida numa linguagem diferente. Não me refiro a uma língua diferente, como o francês ou o alemão, mas a diferentes palavras num nível diferente. (...) E porque não se pode substituir uma palavra por qualquer outra palavra, ou uma frase por qualquer outra frase (arbitrárias), tem de haver regras de tradução. Falar de regras e de significado é falar da mesma coisa ...*” (1989:24). Palavras às quais nos atrevemos a acrescentar as seguintes: **falar de regras de tradução e, pois, de tradução, é falar de significar; é falar, portanto, de entender, de conhecer.**

II. METODOLOGIA DE PESQUISA: CONHECIMENTO COMO TRADUÇÃO

Na metodologia de pesquisa trabalha-se continuamente com a produção de cadeias ou sequências de traduções, embora raramente se tome consciência desse fato. Nessa e em disciplinas semelhantes, trata-se basicamente de ensinar aos alunos como lidar com pelo menos duas sequências de traduções, processadas ao longo de uma escala de níveis de abstração, tendo como ponto de partida o tema ou objeto de investigação que lhes interessa, **tal como eles o percebem naquele momento inicial** da aprendizagem. Esse tema de investigação poderá ser, p. ex., entender como é possível que, num país tão rico como o Brasil, existam menores abandonados, vivendo nas ruas. A tarefa é, então, a de ensinar como transformar este, ou outros interesses de conhecimento, através de um processo contínuo de “tradução”, em objeto de investigação científica.

Em que consiste o processo acima? Fundamentalmente em desdobrar o tema de estudo em problema de investigação, hipóteses, indicadores, variáveis, dados e informações dos mais diferentes tipos, os quais, com o auxílio de procedimentos adequados de coleta e análise de dados, serão processados e “re-traduzidos”, tendo como resultado final a produção do conhecimento novo sobre o tema. Este surgirá na forma de sínteses compreensivas, com o auxílio das quais o pesquisador voltará ao ponto de partida. Mas, desta vez, equipado com uma espécie de raio-x teórico-conceitual que o habilita a perceber, através da aparência opaca da realidade empírica imediata, as múltiplas dimensões e significados nela contidos ou “dobrados”, para usarmos a expressão de BOHM (1992).

A principal diferença entre este e outros tipos de tradução, não reside, contudo, na linguagem utilizada, mas sim na **regra da tradução**. Esta decorre do

objetivo específico que se busca alcançar; ou seja, identificar em que medida determinados fenômenos da vida social, na aparência tão díspares ou distanciados, podem constituir aspectos ou formas de manifestação de uma única e mesma problemática e, se for o caso, serem vistos como traduções recíprocas uns dos outros. Basta, para isso, que se aceite o postulado metodológico, já enunciado por MARX, segundo o qual a tarefa da ciência é justamente compreender porque, em cada caso histórico concreto, determinados conteúdos assumem determinadas formas (BACKHAUS, 1972). E, a partir dele, que se procure determinar **se e quais** formas de expressão do fenômeno em investigação podem ser consideradas como um conjunto de possíveis traduções da problemática, correspondentes a seus diferentes níveis de organização e complexidade na realidade.

A regra desse tipo específico de tradução é aqui, portanto, a do estabelecimento de um sistema de correspondências entre (a) os diferentes níveis de organização e complexidade dos processos reais, por um lado; e, por outro, (b) as diferentes escalas ou níveis de abstração em que os mesmos podem ser expressos e tratados, de forma teórica, conceitual e analítica, no interior do processo de produção do conhecimento científico. Trata-se, em suma, de processar os dados empíricos referentes à questão ou tema que está no ponto de partida da investigação, utilizando uma cadeia de instrumentos analíticos e conceituais adequados a distintos graus de generalidade ou abstração, de tal forma que os resultados desse processamento, embora equivalentes entre si em termos de significado, forneçam traduções ou “leituras” diferenciadas, que permitam rastrear as diferentes formas pelas quais aquele mesmo significado se expressa e pode ser localizado no mundo. Estaremos, portanto, traduzindo no interior de um mesmo idioma – do português para o português, p. ex. – mas numa linguagem formulada de modo a permitir traduções entre **escalas ou níveis de abstração**. As palavras ou conceitos do idioma, como veremos a seguir, serão utilizados nesse processo para realizar uma multiplicidade de tarefas.

III. REGRAS E OPERAÇÕES DE TRADUÇÃO NO PROJETO DE PESQUISA

Tendo como ponto de partida o tema que se deseja investigar, a primeira tarefa exigida em qualquer projeto de pesquisa é a de uma dupla codificação: teórico-conceitual, por um lado; e empírico-descritiva, por outro. Sendo assim, é preciso iniciar definindo com precisão o todo maior ao qual está filiado, do ponto de vista lógico e teórico, o caso empírico sob investigação. Dependendo da matriz teórica adotada pelo pesquisador, essa codificação poderá levar a diferentes soluções. No caso que escolhemos para ilustração, poder-se-ia ver a problemática da exclusão social, p. ex., como sendo esse todo mais amplo, do qual a questão dos meninos de rua faria parte. Esta premissa, no entanto, impõe como tarefa subsequente a de caracterizar descritivamente as formas através das quais a exclusão se manifesta na realidade social concreta, em diferentes escalas ou níveis de abstração.

O caso “meninos de rua” só poderá ser visto como parte do processo mais amplo de “exclusão social” depois de determinado o que é que caracteriza a exclusão social e os “excluídos”; já que somente deste modo será possível certificar-se de que os mesmos componentes, estabelecidos teoricamente como centrais ao fenômeno mais amplo, também estão presentes no caso empírico particular sob investigação, que o expressa ou “traduz”. A tradução, nessa etapa inicial do projeto, tem por objetivo, portanto, estabelecer a relação de equivalência, ou correspondência, entre nível de abstração e forma de expressão empírica do fenômeno, consistindo esta espécie de “catalogação” uma tarefa interna a cada forma e nível.

A etapa subsequente é a de ordenar os níveis de abstração do fenômeno com o auxílio de uma escala conceitual, que vá do maior ao menor grau de generalidade; procedimento que ordenará, simultaneamente, as diferentes formas de expressão empírica correspondentes. A uma sequência ordenada de níveis de abstração corresponderá, assim, uma outra, também devidamente ordenada, de formas de manifestação do que se está buscando compreender. Estabelecida essa dupla cadeia hierárquica, está praticamente pronto o sistema de correspondências e equivalências que permitirá identificar - por trás das diferentes formas de manifestação e apesar de sua variedade - os distintos níveis ou patamares de abstração, nos quais o mesmo fenômeno ou significado está sendo captado ou interpretado. Assim, p. ex., entre o conceito genérico de exclusão social e o caso menor, mais concreto e particular, dos meninos de rua, encontra-se sem dúvida um patamar intermediário, onde o mesmo fenômeno poderá ser captado à luz das condições de reprodução social de um segmento mais amplo da população - as famílias pobres das grandes cidades - indicadas, entre outras, por variáveis como renda, educação, saúde e moradia.

Concluída a tarefa acima, as diferentes formas e níveis de manifestação do fenômeno poderão ser tratadas como uma cadeia de traduções recíprocas, com o auxílio da qual o significado do que está em jogo no processo de pesquisa pode ser, finalmente, detectado em suas várias escalas ou modalidades de existência. A mesma realidade estrutural de significado - até então desaparecida nos distintos níveis de organização e complexidade de suas manifestações empíricas - pode, finalmente, ser reconhecida. Esse processo singular de produção de conhecimento científico terá, então, completado seu ciclo. E, tendo resultado numa nova compreensão do problema inicial, como caso particular de uma realidade geral, mais ampla, terá também cumprido integralmente sua função. Já que, como diz BOURDIEU, “a intenção de generalização (...) é a própria ciência...” (1989:32).

Cada futuro pesquisador defronta-se, nas disciplinas metodológicas, com a tarefa de elaborar um projeto de pesquisa. Vale dizer, antecipar o processo de pesquisa em sua integralidade, planejando as diferentes etapas do trabalho de investigação e as tarefas específicas a serem realizadas em cada uma. Na prática, para realizar essas tarefas o pesquisador terá de movimentar-se, com grau maior ou menor de êxito, ao longo de uma cadeia de traduções, nos moldes acima

apresentados. Nos casos mais simples, de projetos de caráter descritivo ou de problemáticas mais conhecidas, pode ocorrer que sua tarefa se reduza a percorrer uma sequência de níveis ou escalas de abstração, cujas “traduções”, conceituais e em termos de referenciais empíricos, já estejam solidamente estabelecidas, testadas e prontas para serem utilizadas. Mas nos casos mais complexos, como em projetos de natureza explanatória e/ou muito inovadores, a tarefa será mais árdua, já que o processo de seleção dos instrumentos empíricos e conceituais do projeto de pesquisa incluirá a necessidade de identificar uma nova sequência de níveis de abstração, bem como a de estabelecer entre eles uma nova cadeia de traduções para o significado compartilhado.

No processo de desenvolvimento dessas sequências ou cadeias de significado, o pesquisador pode utilizar duas diferentes trajetórias. A primeira é geralmente indutivista ou de sentido **ascendente**. Nela o estabelecimento da cadeia de traduções, através de operações de definição e conceituação, parte, como vimos, do tema ou “caso” empírico que se quer compreender, tendo a teoria como ponto de chegada. A tarefa inicial dessa tradução teórica e conceitual tem por objetivo identificar o significado mais profundo e até então oculto, do qual o caso empírico que constitui o foco de interesse - os meninos de rua, p. ex. - é, nesse momento, apenas um sinalizador ou aspecto fenomênico particular. O fenômeno mais geral que se quer alcançar e compreender por trás do “sinalizador” meninos de rua, pode ser, conforme já mencionamos, o da “exclusão social”. “Exclusão social” seria, portanto, uma possível **tradução**, a um nível mais elevado de abstração - vale dizer, generalizante - do caso empírico particular “meninos de rua”.

O segundo percurso, na escala de níveis de abstração e de suas correspondentes traduções, inicia-se com os resultados do primeiro. Este segundo percurso possui um caráter dedutivo-analítico, dando-se em sentido **descendente**. Identificado, no percurso ascendente, o caso geral ao qual pertence o tema de investigação particular - em nosso exemplo, o da exclusão social - começa, então, a descida de volta ao universo empírico de origem. No momento inicial da descida, a tarefa do futuro pesquisador é a de decompor analiticamente o caso geral nos seus aspectos ou partes constituintes menores e, logo a seguir, a de operar um recorte no conjunto de possibilidades que se abrem à investigação. O objetivo dessa dupla operação, de decomposição e recorte, é o estabelecimento de um problema de pesquisa bem definido e limitado, que funcione como uma espécie de ponte lógica entre a teoria e o problema empírico da pesquisa. Este, uma vez formulado, dará início a **uma nova sequência descendente**, mais profunda, agora com objetivos operacionais ainda mais específicos e rigorosos.

Transformar o que no início parece ser uma ótima idéia, apesar de um pouco vaga ou ampla demais, em um problema de pesquisa formulado com o máximo de precisão possível, é - como sabem aqueles que já passaram pelo processo - talvez a mais árdua de todas as tarefas de um projeto. Aqui o desafio é o de sintetizar a hipótese central do estudo sob a forma de uma pergunta, a qual, se

bem formulada, apontará o rumo da investigação, antecipando o que se espera encontrar e, possivelmente, o percurso que deverá ser percorrido para que tal aconteça. Continuando com o exemplo dos meninos de rua, vejamos a seguinte formulação de um possível problema de pesquisa: “Meninos de rua são apenas crianças oriundas de famílias muito pobres e, portanto, socialmente excluídas? Ou crianças provenientes de determinados padrões familiares, afetados de uma maneira específica pela pobreza e pela exclusão social?”

Na questão acima, a referência a padrões familiares, afetados de um determinado modo pelo processo de exclusão social, já sugere que não se espera encontrar uma relação direta ou quase automática entre os níveis de pobreza das famílias e a produção social desse grupo social específico que são os meninos de rua. Ao contrário, ela indica que padrões familiares são vistos como um fator mais decisivo para originar os meninos de rua do que a pobreza de suas famílias; ou seja, do que as condições puramente materiais de vida dessas famílias. Nesse caso, a exclusão social não seria percebida como um efeito direto da pobreza, mas, de forma mais elaborada, como um processo no qual condições de pobreza provocariam efeitos diferenciados sobre padrões familiares distintos. Assim, segundo a expectativa do estudo, nem todas as famílias pobres necessariamente estariam na origem de meninos de rua.

Implícito estaria acima também o rumo a ser tomado pela investigação: coletar dados que possibilitassem identificar a existência de padrões diferenciados entre famílias pobres e, a seguir, detectar que padrões estariam ou não associados aos meninos de rua. Do êxito dessa hipótese inicial e dos resultados encontrados decorreria o próximo passo da pesquisa: tentar responder à pergunta explanatória “por que é assim?”. Ou seja, buscar explicar por que o padrão familiar “X” estaria relacionado ao surgimento dos meninos de rua e o padrão “Y” não. O que, por sua vez, poderia levar a um esforço ainda mais específico para entender que fator se esconderia no padrão “X”, e não nos demais, de modo a que somente ele estivesse envolvido na gênese dos meninos de rua. Atingido esse último resultado, poderíamos não só entender o significado mais profundo da relação entre esse fator e o duplo problema, social e de investigação, dos meninos de rua, como teríamos encontrado, ou produzido, uma tradução recíproca entre eles. Doravante, o fator poderia ser captado através de sua manifestação no “caso” meninos de rua; e, em sentido inverso, o problema social meninos de rua poderia ser expresso em termos daquele fator.

Nessa segunda etapa da descida, o futuro pesquisador terá chegado à tarefa de identificar, sucessivamente, um conjunto de tradutores: (a) os conceitos que utilizará para traduzir o problema de pesquisa na linguagem técnica da investigação; (b) as variáveis por meio das quais os conceitos serão, por sua vez, traduzidos; (c) os indicadores utilizados para traduzir as variáveis; (d) os tipos de dados que serão necessários para traduzir os indicadores; e, por último, (e) as fontes de informação e técnicas de coleta necessárias para a obtenção dos dados empíricos últimos; ou seja, aqueles que, situados ao pé da escala de graus de

abstração, servirão de base alimentar para as sucessivas elaborações analíticas e conceituais dos degraus superiores. É desse pacote de traduções sequenciais, produzidas de forma explícita e intencional, que surge a “matéria” da qual serão constituídas a síntese compreensiva final e a visão de raio-x, das quais falávamos no início deste texto. Característico dessas traduções é o fato de serem determinadas por exigências conceituais e analíticas decorrentes da matriz teórica adotada e estabelecidas com o auxílio de procedimentos de pesquisa metodologicamente rigorosos e precisos.

IV. FUNDAMENTOS E CARACTERÍSTICAS DA TRADUÇÃO NA PESQUISA CIENTÍFICA

A relação entre níveis de complexidade da realidade empírica e escalas ou níveis de abstração teórico-conceitual, acima estabelecida, não é, obviamente, uma postulação arbitrária ou casual. Deriva, ao contrário, de duas características centrais do conhecimento lógico-racional, já identificadas pelos filósofos gregos da Antiguidade. A primeira diz respeito à natureza da ciência como conhecimento do geral e do oculto, enunciado que, desde a *Metafísica* de ARISTÓTELES (1993), não deixou de ser reiterado por grandes filósofos, cientistas e epistemólogos, entre os quais gostaríamos de destacar, no século XX, BACHELARD (1984,1996) e PIAGET (1990). A segunda refere-se ao papel que a relação parte-todo desempenha no processo de conhecimento, na medida em que o todo só é alcançável pelo entendimento humano através do conhecimento da parte².

São as relações da parte com o todo e do geral com o particular que tornam possível o estabelecimento das equivalências entre diferentes modos de processar dados e de representar significados. Desde os chamados “dados primários” da pesquisa até seus conceitos mais genéricos e abstratos, passando pela construção de indicadores e variáveis, todas essas são formas de representação cumulativas, com o auxílio das quais nosso pensamento acessa partes sucessivas da realidade empírica (ordenadas, como vimos, em termos de níveis de abstração ou graus de complexidade de organização) com o objetivo de compreendê-la. Isto é, visando determinar, através da junção ou articulação significativa das partes (as representações mais particulares), qual o sentido do todo maior; ou seja, o que a representação geral, como conjunto das partes, **significa ou representa** para nós.

Essas formas de representação constituem, portanto, ao mesmo tempo resultados sucessivos e ordenados de um cálculo lógico-simbólico, podendo ser vistas, à semelhança do cálculo formal das operações matemáticas, como peças de um sistema de equações representativas particulares, interligadas através de uma regra de transformação. Essa regra, que garante a permanência do significado,

² Em nosso entendimento, somente à divindade cabe atribuir a capacidade de conhecer o todo a partir do todo. Sendo ela inalcançável para os humanos, resta-lhes contudo a possibilidade de pensá-la, por exigência lógica, através da idéia de um Deus onisciente. No âmbito da inteligência humana, encontra-se aqui, possivelmente, a função lógica dessa concepção. Ver a esse respeito BARBOSA (1998:24).

apesar da mudança de suas formas de expressão, é a regra de tradução que torna possível a equivalência de sentido entre as diferentes representações. Desse modo, ela permite **re-** ou **a-**presentar o mesmo significado em diferentes estágios de “dobramento”, para falarmos nos termos de BOHM (1992): isto é, desde a forma mais estendida ou “desdobrada” - como numa “equação-matriz” original composta de múltiplos termos - até a forma mais sintética e/ou “implícada” da equação final; da mesma maneira que a soma dos números de 1 a 100 tanto pode ser representada pela forma desdobrada (1+2+3+....+100), como pela fórmula sintética do somatório:

$$\begin{array}{l} N=100 \\ \sum_{i=1} \end{array}$$

É justamente com base nessa característica de articulação sistêmica entre as diferentes representações ou partes do conjunto maior - decorrente do fato de elas não serem produtos de uma seleção aleatória, mas peças reunidas por meio de um cálculo lógico-simbólico, cuja regra geradora é determinada pela codificação teórica do tema inicial da investigação - que podemos identificar os procedimentos teórico-metodológicos da pesquisa científica como operações de tradução, análogas às que ocorrem quando traduzimos de um idioma para outro. Assim, tanto quando tentamos “medir” quantitativamente algum fenômeno social, como quando tentamos compreendê-lo através dos chamados “dados qualitativos” (isto é, informações processadas a partir de respostas discursivas a perguntas de um questionário ou de uma entrevista, p. ex., que só permitem operações classificatórias e de ordenações, mas não operações aritméticas), estamos na verdade “traduzindo”.

Além de serem utilizadas duplamente para o entendimento da realidade - ou seja, como via de acesso e como fonte de matéria prima - uma outra característica das traduções na pesquisa científica é o fato de elas serem sempre e simultaneamente assimétricas e hierárquicas: do menor para o maior, ou do mais particular ao mais geral. Assim, se forem expressas como igualdades de significado entre dois termos, elas serão sempre compostas de um termo teórico-conceitual, forçosamente mais genérico; e de um correspondente termo empírico, necessariamente mais particular. Desse modo, formarão uma sequência ou cadeia de significado a ser percorrida nos dois sentidos da escala de complexidade do real; independente de o ponto de partida estar na ascensão, rumo ao geral, ou na descida, rumo ao particular. Implícita na relação assimétrica dessas traduções, encontra-se uma relação lógica fundamental de assimetria entre a concepção teórica, genérica e maior, que funciona como princípio explicativo, e o caso empírico, particular e menor, que depende dela para ser explicado.

Em decorrência dessa última assimetria, se o caso particular, enquanto parte, pode ter seu significado “traduzido” ou elucidado pelo processo mais amplo, a relação inversa não é necessariamente imprescindível e/ou verdadeira. No exemplo que utilizamos, o entendimento do problema social dos meninos de rua depende de compreendermos sua vinculação à problemática mais geral da exclusão social, a qual pode ser vista como seu “tradutor” de maior escala. O entendimento da exclusão social, contudo, pode prescindir desse aspecto particular relacionado aos meninos de rua, uma vez que o significado do fenômeno geral também pode ser alcançado por meio de vários outros “tradutores” menores, relacionados a características e aspectos de outros segmentos da população pobre, que não especificamente o dos meninos de rua. As precárias condições de saúde, emprego e moradia das camadas de mais baixa renda, a subnutrição, o analfabetismo, o trabalho infantil, a prostituição de menores, a violência urbana, etc., todas essas são, como mencionamos anteriormente, possíveis “traduções” ou portas de acesso ao entendimento da exclusão social.

V. COMENTÁRIO FINAL: TRADUÇÃO E PENSAMENTO MULTIDIMENSIONAL

As operações de tradução na pesquisa científica, tal como expusemos acima, não são apenas instrumentos hermenêuticos de interpretação da realidade e de seus significados. Mais do que isso, podem ser vistas como etapas sucessivas de uma viagem através da multidimensionalidade do mundo, tendo como meio de transporte os instrumentos conceituais, analíticos e operacionais de representação utilizados para desvendar o território até então desconhecido do tema ou questão sob investigação. Um dos resultados dessa viagem é que ela força o pensamento a reconhecer a natureza multidimensional do mundo e de seus múltiplos significados. Trata-se, portanto, de uma viagem de descobertas “por mares nunca dantes navegados”, cujo resultado é expandir e alargar o universo de significados possíveis, os quais são trazidos à luz ao longo do percurso.

A relação entre tradução e pesquisa científica nos leva, assim, a expandir o significado das próprias atividades de pesquisa para além do significado instrumental, mais imediato, que vê nelas meros procedimentos metodológicos ou técnicas de investigação. O que emerge ao final do processo é um significado implícito, mais profundo; um metassignificado, que nos leva a descobrir na prática da tradução o próprio segredo do ato de conhecer. Pois, se a produção de conhecimentos novos se dá por meio de operações de tradução, isso só pode significar que **conhecer é traduzir**. É neste sentido que pensamos aplicar-se à tradução na pesquisa científica o que MORIN (1987:51) chama de “tradução construtiva” ou “construção tradutora” no processo de conhecimento.

Para MORIN, conhecer é primariamente computar e o processo de conhecimento um conjunto constituído pelas operações de tradução/construção/solução. No âmbito desse conjunto e através da articulação de

informações e signos, a partir de regras que governam os cálculos, operações perceptivas e raciocínios (o chamado “logicial”), o papel da tradução construtiva é o de constituir sistemas cognitivos que permitam à construção tradutora adequar-se à realidade que se trata de conhecer, sendo justamente este problema cognitivo da adequação o primeiro para o qual é preciso encontrar solução. Nas palavras do autor, à semelhança do que pensa LÉVY-STRAUSS acerca do que significa significar, como vimos anteriormente, “*o conhecimento não poderia refletir directamente o real, só pode traduzi-lo numa outra realidade*” (MORIN, 1987:51).

Traduzir é uma operação inerente a qualquer processamento de informação, transmissão de mensagem ou ato de comunicação; e isso é tão verdadeiro na ciência, quanto na literatura ou na poesia. No entanto, a problemática da tradução como ato de fidelidade ou infidelidade com relação à transposição de significados de um idioma para outro, tal como sucede no campo linguístico-literário, é completamente estranha à modalidade de tradução efetuada no campo científico. Aqui, em contraste com o que vemos na dialética de valorização/desvalorização entre um original e sua cópia, ou com relação ao “trauma” do tradutor, como se dá naquele primeiro campo, traduzir é uma atividade criativa. No campo científico não estamos tratando de cópia e de original, mas, como vimos, de revelar as múltiplas facetas de um mesmo original que, à semelhança de uma obra aberta, permite várias leituras ou interpretações simultâneas. Neste campo, portanto, uma determinada linha de interpretação poderá ser acusada de oferecer uma representação incorreta, incompleta ou até mesmo falsa do mundo, mas o reconhecimento da natureza multidimensional desse último dificilmente poderia condenar as operações de tradução envolvidas no processo como atos de “traição” a uma forma única ou “fiel” de expressão.

Entre esses dois campos de tradução, o da pesquisa científica e o do texto literário, há, no entanto, uma problemática comum referente à transculturação. Em ambos os casos temos a ver com estar nas fronteiras de diferentes domínios, o que automaticamente coloca a tradução no centro de uma questão de poder. Estamos fazendo referência ao poder do tradutor enquanto detentor de informações que permitem entender o que se passa nos dois lados da fronteira, condição que o torna agente estratégico, tanto para o estabelecimento como para o bloqueio da comunicação entre os dois lados. Este é o poder que, se por um lado, possibilita a transculturação de idéias e o dialogar de teorias e paradigmas, por outro, torna possível, simultaneamente, abalar tradições estabelecidas; vale dizer, abalar antigas posições e estruturas de poder. Todo tradutor torna-se, pois, uma espécie do que MORIN chama de “contrabandista dos saberes” (PESSIS-PASTERNAK, 1993:83); uma posição que implica em expor-se a ser atingido pelos guardas da fronteira, muitas vezes de ambos os lados.

Contudo, no campo científico correr o risco de ser atingido não só faz parte do jogo de busca da verdade, como vale a pena. Isso porque entender o conhecimento como processo de tradução leva o pesquisador, ativamente, a fazer

com que as teorias e disciplinas, com as quais trabalha, dialoguem entre si. Assim, reconhecer que o que diz uma delas, ao focalizar um determinado nível de organização do real, pode ser no fundo o mesmo que diz a outra, apenas expressando-se de modo diferente ao lidar com um outro nível de organização, permite que elas possam ser traduzidas umas nas outras. Com isso, abre-se a porta da transculturação também no interior do campo do conhecimento científico, uma vez que essas traduções implicam simultaneamente no diálogo entre as tradições e culturas estabelecidas pelas diferentes matrizes teóricas e campos disciplinares – com seus rituais, princípios e valores expressos na linguagem conceitual, nas práticas operacionais e nos modos de pensar que as caracterizam. Previne-se, com isso, que essas matrizes fiquem cristalizadas e correndo o risco de, com o passar do tempo, transformarem-se em seu contrário. Ou seja, como alerta BACHELARD (1996:17), deixando de ser instrumentos e ferramentas do conhecimento para tornarem-se, no âmago do próprio ato de conhecer, causas de lentidão, conflito, inércia, estagnação e até mesmo de regressão, as quais o autor designou de *obstáculos epistemológicos*. É o que pode ocorrer, p. ex., no caso de conceitos que, uma vez estabelecidos, sejam apenas repassados e reproduzidos, sem jamais serem investigados em busca de novas significações que porventura possam estar neles implicadas à espera de serem trazidos à luz do dia.

Enfim, conceber o conhecimento como tradução é *last, but not least* deter uma poderosa ferramenta para desbloquear o pensamento de suas fixações e abri-lo para a complexidade. Desbloqueá-lo de fixações ao nível abstrato, fazendo com que seja capaz de traduzir os raciocínios gerais e abstratos simultaneamente nas práticas que lhes são correspondentes (em vez de permanecer eternamente fixado em concepções abstratas como, p. ex., “o sistema”, “o neoliberalismo”, “a globalização”, etc.). E desbloqueá-lo também ao nível do pensamento concreto, que ocorre quando, em nome de uma suposta singularidade absoluta de tudo o que existe, do ineditismo de cada subjetividade e de cada processo histórico, não se consegue sair do chão de terra empiricista do caso particular e concreto para pensar em termos de padrões ou efeitos gerais e conjuntos. Enquanto no primeiro caso só se consegue pensar a floresta, mas não as árvores, no segundo, ao contrário, só é possível pensar as árvores, cada uma em particular, sem jamais, no entanto, poder ver a floresta. Ora, o conhecimento será tão mais verdadeiro, ou adequado ao mundo, quanto maior sua capacidade para captá-lo de modo multidimensional e complexo. Ou seja, quanto maior for sua capacidade para apreender o eterno fluxo entre as partes e o todo; ou, dito de outro modo, entre as duas pontas desse espectro de dimensões e níveis de organização que é o todo concebido, como o faz BOHM (1992), como hólomovimento. Em suma, é pensar na árvore e simultaneamente na floresta; ou vice-versa, independente do ponto de partida..

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARISTÓTELES. *Metafísica*. 14^a. Ed. Madrid: Editorial Espasa Calpe, 1993.
- BACHELARD, Gaston. *A epistemologia*. Lisboa: Edições 70, 1984.
- . *A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BACKHAUS, Hans-Georg. "Zur Dialektik der Wertform". In: SCMIDT, Alfred. (Org.) *Beiträge zur marxistischen Erkenntnistheorie*. 4^a. ed. Frankfurt: Suhrkamp Verlag, 1972. P. 128-52.
- BARBOSA, Eva Machado. "Conhecendo o conhecimento: questões lógicas e teóricas na crítica da ciência e da razão". *Cadernos de Sociologia*. Porto Alegre: UFRGS, Programa de Pós-graduação em Sociologia. V.10, 1998. p. 9-35.
- BOHM, David. *A totalidade e a ordem implicada*. São Paulo: Pensamento, 1992.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Mito e significado*. Lisboa: Edições 70, 1989.
- MORIN, Edgar. *O método 3: O conhecimento do conhecimento/I*. Mem Martins, Portugal: Publicações Europa-América, 1987.
- PESSIS-PASTERNAK, Guitta. *Do caos à inteligência artificial: quando os cientistas se interrogam*. São Paulo: Editora da UNESP, 1993.
- PIAGET, Jean. *Epistemologia genética*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

Cultural Journalism and Criticism Tradition in Brazil of 1900

Léa Masina¹Tradução: Maria Elisabeth U. Loeffler²Revisão: Neusa da Silva Matte³

Alejo Carpentier, in his speech at the First Congress of Cuban Artists and Writers, in Havana —1961, comments on the reception of Latin-American artists, musicians and writers of the 19th century. According to him, painters and musicians have submitted their work to the exclusive judgement of the European public, since the local people didn't seem to be able to evaluate the quality of their works. An analogous tendency is observed among the writers, with the sole difference that Latin-American intellectuals have frequently maintained a richly documented dialogue through letters and newspaper articles. Therefore *as soon as they became aware of their nationalities, their nativism and its volitions*, they tried to *exchange messages (...), set a dialogue, being beforehand united by a number of common essential concepts* that would transcend the time⁴. Mutual acceptance as well as the adhesion to certain ideas have triggered some century-long polemics and public discussions. As they stated ideological questions such as nationality, South America's unity or the River Plate region unity, poverty in the pampas and interests of the leading social classes, the Latin-American intellectuals of the 19th century manifested the contradictions of a century that imitated in order to understand and define.

In the political context, the North American constitution, though copied by many countries, was dissociated from the social-historical conditions of each nation. In literature, *the models stood there: available, prestigious, having an already approved and fixed course*⁵. This happened not only to Argentine, but to

¹ Professora do Departamento de Linguística, Filologia e Teoria Literária do Instituto de Letras da UFRGS e do PPG-Letras. Doutora em Literatura Comparada - UFRGS

² Ex-bolsista do Núcleo de Estudos da Tradução do Instituto de Letras. Professora Substituta no Departamento de Línguas Modernas do Instituto de Letras da UFRGS

³ Tradutora e Pesquisadora do Núcleo de Estudos de Tradução. Coordenadora do NET de 1996 a 1998. Mestre em Literatura Anglo-Americana - UFRGS

⁴ CARPENTIER, Alejo. *Literatura y consciencia política en América Latina*. Madrid: Alberto Coón, 1969. p. 47.

⁵ '(...) los modelos estaban allí, disponibles presigiados, con un rumbo ya probado y sacralizado' - 'the models were there: available, prestigious. ALAZRAKI, Jaime. Los nuevos modos de Expresión: la novela. El caso de Argentina. In: PIZZARRO, Ana.(Org.). *América Latina: palavra, literatura e cultura*. São Paulo: Memorial; Campinas: UNICAMP, 1994, v.2, p. 341-357.

Cadernos de Tradução, Porto Alegre, n° 11, p. 19-24, jul-set, 2000.

Uruguay and Brazil as well. We may also quote Antonio Candido, who has brilliantly defined relations of dependance; according to his *dialectics of sectionalism and cosmopolitanism*⁶, not only Brazil has a placental relation with French literature: other American and European metropolises were, at that time, deeply frenchified⁷.

On the other hand, in those days the newspaper discourse, which was the most important means of spreading ideas, mixed up political, journalistic and literary instances. Even when transferred to books, the journalistic discourse would preserve the rhetoric marks that aimed at a stronger effect on readers. Just to mention two of them: first, the use of vocative, as a constant appeal for commitment, and second, the utopian vision of a glorious and safe future, as a result of the natural resources of the place from where this kind of discourse was uttered.

The exchange of ideas would often take place on pages of newspapers and magazines. There was for instance the "Semanario Literário" or "El Mercurio". From Santiago, where Domingos Faustino Sarmiento and Andrés Bello would discuss the subject "civilization versus barbarism". It also happened in the Brazilian newspapers that dealt with topics related to sociology and literature. Therefore the search -frequently mistaken- for a critical consciousness in Latin America would allow those writers to debate questions that would BE REFLECTED IN THE CONCEPTION of **literariness**. It would also allow Alcides Maya, a Brazilian writer from Rio Grande do Sul of the beginning of the century, to discuss philosophy and sociology with the Jesuit clergy of the time, intermediating the ideas of Spencer and Comte⁸ through the press.

We should also underline the existence of common cultural problems among the Latin-American countries which became independent in the first decades of the century. So as to mention some, there are: the definition of both their nationality and intellectual independence; the pursuit of different alternatives to think about these matters critically; the dialect movement between the attraction and the rejection of the imitation and the influx of European cultures, usually recognized as dominant over the local substratum.

⁶ One may say that this process is dialectic because it consists of a progressive union between literary and spiritual experience, by means of the tension between the local data (...) and the models inherited from the European tradition (...). CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Editora Nacional, 1965. p. 131.

⁷ CANDIDO, Antonio. *Literatura e subdesenvolvimento*. In: *A Educação pela noite e outros ensaios*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1989. p. 140-162.

⁸ Alcides Maya wrote to the most important newspapers of Rio Grande do Sul and Brazil. As a politician, he was a federal deputy who represented the interests of his state. Enjoying polemics, he published in 1898, on *A República* and *Correio do Povo*, newspapers of Porto Alegre, a series of 17 article entitles "O Vademecum filosófico do Padre Gustavo Locher". In those articles, the writer opposed Comte's positivism and Spencer's evolutionism to the dogmas of Catholic Church, represented by the clergy of Jesuits in Rio Grande do Sul.

Cadernos de Tradução, Porto Alegre, nº 11, p. 19-24, jul-set, 2000.

Carlos Real de Azua, in his anthology entitled **Uruguai y sus problemas en el siglo XIX**⁹, presents texts that register parallel cultural directions both in the River Plate region and in Brazil. In '*Declaración de independencia intelectual*' (Declaration of Intellectual Independence - 1855) by Andrés Lamas; in '*Civilización y barbarie*' (Civilization and barbarie) by Bernardo P. Berro, and his polemic on a newspaper called **El Cerrito**, with Manuel Herrera y Obes, from **El Conservador**, published in Montevideo; in *La Unión del Plata*, by Juan Carlos Gómez, under the article entitled '*Capital: Montevideo*', from the newspaper **El Siglo** (1867) and in *Las alternativas de la nacionalidad*, from an Uruguayan positivist called Angel Floro Costa (1899)¹⁰. In all these articles one may identify the same concerns and similar subjects to those that have originated in Brazil the initial criticism by the publicists, repeating therefore a procedure that mixed sociology, history and literature.

Though Brazilian writers such as Silvio Romero, José Veríssimo and Araripe Júnior¹¹, criticism takes form, branching out into the definition of trends and limits of literariness, which were still quite cloudy. The press will play, from then on, a decisive role on the process of criticism systematization. Considering criticism as '*a general activity of interpretation and evaluation of culture*'¹², mingling it with '*the key-ideas of that time*'¹³, or conceiving '*the critical text as literary text*'¹⁴, these three Brazilian writers shared a concern for the national literature as a common referent, from which different forms of thinking and evaluating Brazilian authors and works came out.

In Latin-American countries the interest for the national will be the dominant trend. Rejection of the colonizer and, on the other hand, the impossibility for recognition and legitimacy of the local culture, leave space for the insertion of the French element. Turning to France would assure to Latin-Americans the necessary transgression of their original culture, offering, at the same time, paradigms for the definition of a culture of their own. Here lies the paradox: by denying their Portuguese or Spanish origin, the Latin-American intellectuals adopt

⁹ AZUA, Carlos Real de. **Uruguai y sus problemas en el siglo XIX**. Montevideo; Buenos Aires: Centro Editor de América Latina. 1968.

¹⁰ Many texts from Carlos Real de Azua are gathered in his anthology **Uruguai y sus problemas en el siglo XIX** which consists on fragments of polemics, that were launched through press by Uruguayan intellectuals and politicians. It also includes some mailing among public men, conferences and book chapters as well, showing the nearness of both political and literary discourses.

¹¹ Silvio Romero, José Veríssimo and Araripe Júnior constitute 'the critical trinity' of Brazil, and are known as 'the critical generation of 1870'. Their works represent the main references from the 19th century, being used for the discussion of concepts and literary theories in Brazil.

¹² CANDIDO, Antonio. (org.) **Sílvio Romero: teoria, crítica e história literária**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: EDUSP, 1978.

¹³ BOSI, Alfredo (org.) **Araripe Júnior: teoria, crítica e história literária**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: EDUSP, 1978.

¹⁴ BARBOSA, João Alexandre (org.) **José Veríssimo: teoria, crítica e história literária**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: EDUSP, 1977.

Cadernos de Tradução, Porto Alegre, nº 11, p. 19-24, jul-set, 2000.

the French culture as a model, and appropriate its paradigms. From Romanticism on, paradigms were ruled according to ideals of originality and representativity. Nevertheless, triggered by the desire to enhance the difference, they reveal paradoxes of a mistaken view, against which voices are raised. In 19th century Brazil, it was Machado de Assis who pointed out this 'instinct of nationality', observing that the local aspects would not be enough to determine the national character of a given literary work¹⁵.

In Rio Grande do Sul, the southernmost Brazilian state, near the borderline with Uruguay, Paraguay and Argentina, the literary activity practiced in the newspapers has also preceded critical essayism. Following the tendency of Rio de Janeiro, the capital of Brazil at the time and hegemonic center, newspapers and magazines were founded, manifestoes were published registering the process of assimilation of foreign models, stressed by the desire for originality and difference. *Paris is reflected in thousands of eyes and objective lens*¹⁶, and among them the intellectual project of these writers would promote the fatherland's evolution towards the expected positivist progress. The introductory trend of these texts reveals the expectation for the qualification of the local culture to approach imported European models. Despite scientificism and theories applying determinist formulas to literature, as Taine's paradigms of race, environment and moment, at the same texts implicitly questioned this pursuit for legitimacy.

As an assiduous reader of European thinkers, Alcides Maya's essays resumed the ideas about nationality assimilated from his readings of Machado de Assis. As a journalist, Maya participated of the main polemics of his time. In addition, he contributed to the modernization of the province, intermediating the reception of European texts and discussing the main trendy ideas from cultural centers of Latin-America. Identified with most Latin-American intellectuals who were in the same manner dedicated to journalistic and political militancy, Maya represents a class of men formed under the light of French culture, to whom the Press should be of service to the country. His journalistic militancy had a didactic purpose, aiming at the reader's both ethic and aesthetic formation and qualification.

Despite some well-known mistakes which transformed his critical posture into deceit, Alcides Maya wrote and published essays in newspapers¹⁷ and magazines, and later, in anthologies.¹⁸ Besides intermediating foreign works and theories, thus contributing to the fixation of the canon, he was concerned about relations among the regional, the national and the universal. By studying authors

¹⁵ ASSIS, Machado de. *Obra Crítica*. Rio de Janeiro: Jackson, 1957.

¹⁶ BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1987. p. 197.

¹⁷ Maya collaborated with the main newspapers of his time, among them *A Reforma*, *A Federação*, *Jornal da Manhã* and *Correio do Povo*, all from Porto Alegre, besides *O País* and *A Noite*, both from Rio de Janeiro. Among his final publications, there are studies about Coelho Neto, Humberto de Campos and Arthur de Oliveira in *Correio do Povo* by the end of the 30s.

¹⁸ Three of his books of essays, *Pelo Futuro* (1897), *Através da Imprensa* (1900) and *Crônicas e ensaios* (1918), present texts that were published in the press of Rio Grande do Sul and Rio de Janeiro. *Cadernos de Tradução*, Porto Alegre, n° 11, p. 19-24, jul-set, 2000.

such as Machado de Assis, Aluisio Azevedo and Escragnolle Taunay, his essays added to the definition of the literary criticism statute in Rio Grande do Sul, through an explicit dialogue with France¹⁹. For one thing he implicitly joined Latin-American writers, developing a type of discourse which, by means of intertextual analysis, allows for the identification of passages and links between the River Plate region and the Brazilian cultures.

His essays allow the reading of the passage both from a wide form of criticism, predominant in his first texts, that touched emergent social aspects, and from perspective of the literary criticism itself as well. Published between the end of the 19th century and the first decades of the 20th, these texts intermediate deterministic models and theories, contributing to the fixation of the canon. Curiously, the European writers canonized by the Brazilian criticism are the same which are included in the literary system of the River Plate countries (Rio de la Plata region). For instance, Maya analyses and discusses on the work of Emile Zola, though preceded by the center of Brazil, Uruguay and Argentina, which can be verified in the text *La novella experimental*, of Juan Carlos Blanco²⁰, an Uruguayan writer.

Once the contours of criticism are defined, Alcides Maya concludes his project by publishing fictional texts, in addition to his essays and books²¹. As a fictionist, he assimilates elements of the French culture and metabolizes in through the contact with the pampas of Rio Grande do Sul, which is the subject of his novels and short stories. In literary criticism, he produces an anthological study about Machado de Assis²²; what is more, he writes about Aluisio de Azevedo, a naturalistic novelist. His first essay focuses on *humor* as a differing and individualizing trait in style. With this text, he both contributes to renew the abundant criticism on Machado de Assis and expresses his rejection to the sternness of Taine's method. In *Romanticism and Naturalism*²³, he questions the

¹⁹ Primary sources of the time such as the catalogue of Livraria Americana in Rio Grande do Sul register the translation of French novels, mostly the works of Zola, Vitor Hugo and Dumas Filho, besides Paul Bourget, Maximine du Camp and the Russians Dostoiewsky, Tolstoi and Turgueneff. There are in addition the works of Portuguese writers as Teófilo Dias, Brazilian novelists as José de Alencar and Joaquim Manoel de Macedo. In: RODRIGUES, Alfredo Ferreira (Org.) *Almanaque literário e estatístico do Rio Grande do Sul*, Pelotas, Rio Grande e Porto Alegre: Carlos Pinto & C., Sucessores, 1901.

²⁰ BLANCO, Juan Carlos. *La novela experimental*. In: AZUA, Carlos Real de (org.) op. cit., p. 107-118.

²¹ The following texts take part in his essayistic work: *Pelo Futuro*. Porto Alegre: Franco & Irmão, 1897; *O Rio Grande Independente*. Porto Alegre: Agência Literária. 1898; *Através da Imprensa*. Porto Alegre: Octaviano Borba & Irmão, 1900; *Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Jacinto Silva, 1912; *Crônicas e ensaios*. Porto Alegre: Globo, 1918; *Romantismo e Naturalismo*. Porto Alegre: Globo, 1926.

²² The essay *Machado de Assis: alguma notas sobre o humor* will motivate the entrance of the writer in the Academia Brasileira de Letras, in 1914.

²³ *Romantismo e Naturalismo*, published in 1926, had originally been Alcides Maya's discourse at his entrance in the academia Brasileira de Letras, in 1914.

Cadernos de Tradução, Porto Alegre, n° 11, p. 19-24, jul-set, 2000.

arbitrary division of the literary periods, showing in the textual practice the overlap, continuity and rejection of literary tendencies. What is more, in this manner he anticipates the modern notion that tradition does not represent continuity but rupture, which was half a century later developed by Octavio Paz.

In this sense, the awareness of his critical work allows the writer to understand the local process of Americanization more clearly, through the European orientation. His texts deal with questions that will be dear to modernity. While demanding from writers *'the authentic, undeceiving mark of miscegenational originality in the works that were produced here then, signed up by writers and poets who looked at (Latin) American landscapes in European eyes and provided our rude people with European feelings'*²⁴, the writer comes to the following conclusion: *'America's history is about white people who are condemned to live parasitically on the European mind.'*²⁵

Despite this dishearted view, resulting from the comparison between the European theoretical progress and the intellectual delay of his country, Maya's work has contributed to set concepts such as identity, assimilation and transculturation²⁶, making us think about the coincidence of European influxes upon both the River Plate region and the Brazilian culture, as well as the several creative responses that makes Latin-American literature quite peculiar.

²⁴ MAYA, Alcides. Op. cit. 9, p. 134.

²⁵ Id. ibidem, p. 137.

²⁶ According to RAMA, Angel. *Transculturación narrativa en América Latina*. 2. ed. Montevideo: Fundación Angel Rama, 1989.

Cadernos de Tradução, Porto Alegre, nº 11, p. 19-24, jul-set, 2000.

O que há de 'interessante' nos Estudos Culturais na América Latina.

Ricardo J. Kaliman¹

Tradução: Amanda Francisco²

Revisão: Fabiano Gonçalves³ e Patrícia L. Flores da Cunha⁴

1. Em qualquer parte da América Latina, a pesquisa acadêmica no campo dos estudos culturais é cercada por uma profusão de práticas para as quais poderia voltar sua atenção profissional. Tal pesquisa poderia analisar a dinâmica dessas práticas, identificando a lógica através da qual são reproduzidas e os fatores que influenciam suas transformações.

Poder-se-ia esquadrihar o significado que elas possuem dentro do grupo social que as mantém e a relação que têm com a vida diária, as necessidades, a visão de mundo e, talvez, os ideais utópicos desse grupo. Poder-se-ia, igualmente, observar como essas várias práticas se relacionam umas com as outras ou com outras práticas sociais, através de quais mecanismos elas são produzidas, disseminadas, manipuladas, excluídas ou marginalizadas pelas estruturas de poder.

Políticas culturais sensíveis às desigualdades dessas sociedades só são concebíveis dentro de uma estrutura de conhecimento produzido por um estudioso da cultura que leva adiante o estudo dessas práticas. Nenhum projeto político que se origina dentro dos grupos menos favorecidos pode ser considerado viável, a não ser que considere o conhecimento obtido através desse tipo de estudo.

O estudioso da cultura pode encontrar esse grupo de práticas na interação informal ou em contextos específicos; na mídia ou na rua; em locais públicos ou privados; durante o lazer ou no trabalho; no campo, no interior, na periferia ou na cidade.

Os desejos, insatisfações, expectativas e contradições de homens e mulheres das sociedades nas quais vivemos circulam entre esses complexos caminhos que têm sido mapeados durante o curso da história e que são a chave para nossa identidade e desenvolvimento. Os estudiosos da cultura deparam-se com essas mesmas práticas e participam delas, a partir do momento em que se levantam

¹ Professor da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade Nacional de Tucumán, Argentina. PhD em Literatura pela Universidade de Pittsburgh, EUA.

² Ex-aluna do Curso de Letras - UFRGS - Bolsista PIBIC do NET.

³ Aluno do Curso de Letras - Bolsista PIBIC do NET.

⁴ Professora do Departamento de Linguística, Filologia e Teoria Literária e do PPG-Letras. Pesquisadora do Núcleo de Estudos de Tradução do Instituto de Letras - UFRGS. Doutora em Literatura Brasileira - USP.

de manhã e em cada minuto da jornada de trabalho. Quando começam a trabalhar, entretanto, eles parecem esquecê-las. Uma rápida consulta em índices de revistas especializadas e programas de conferências é suficiente para constatar que poucas tentativas foram feitas em um nível institucional para enfrentar a complexidade da realidade cultural na América Latina.

Não se trata de uma falta de interesse por parte dos indivíduos, ou por parte de certos grupos cujo objetivo é reivindicar um espaço para as vozes marginalizadas, desconsideradas pelos maiores sistemas. Entretanto, durante o trabalho de edição de *Memorias de JALLA Tucumán 1995*, tive a oportunidade de elaborar uma generalização significativa, a saber: a grande maioria dessas tentativas não possuem suporte conceitual das contribuições mais enriquecedoras da epistemologia da ciência social, então obrigadas a recorrer a modelos e metodologias, tais como a estilística ou a análise de mitos, cujas limitações são possivelmente óbvias hoje, mas que mantêm um grau de legitimidade residual.

Gostaria de apresentar esse paradoxo da forma mais clara e explícita possível: as práticas culturais que nos cercam e com as quais estamos constantemente envolvidos em toda a América Latina não são, em sua maioria, consideradas *interessantes* pelo sistema de estudos culturais latino-americanos; e, ao mesmo tempo, as categorias que esse sistema oferece e reforça no seu discurso dominante de forma alguma nos ajudam a tentar entender a natureza e a dinâmica da reprodução e transformação dessas práticas, objetivos que, não obstante, são os únicos que poderiam dar algum sentido social a nossa tarefa.

Colocando de outra forma, nosso treinamento profissional deveria nos instrumentalizar para tratar do estudo de qualquer prática ou grupo de práticas culturais, talvez escolhidas de acordo com os conflitos e necessidades das sociedades nas quais trabalhamos e das quais fazemos parte. Ao invés disso, nosso campo parece ser guiado por uma lógica interna, que decide quais práticas interessam e até mesmo como deveriam ser interpretadas, de forma a torná-las interessantes.

O fato de ainda não havermos realmente começado a resolver esse paradoxo é, acredito, obscurecido como tal pelas estruturas de poder atuantes em nossa área. As observações que seguem têm por objetivo desenvolver os argumentos, as premissas e a perspectiva política sobre os quais baseio essas interpretações.

2. Parece-me apropriado começar esclarecendo minha afirmação de que as categorias oferecidas a nós pela disciplina são inúteis quando tentamos interpretar os processos culturais que deveríamos estudar. Para tanto, voltarei a um argumento que tracei em um estudo anterior¹ e que, parece-me, dá mais crédito ao ceticismo expressado por Antonio Cornejo Polar com relação à produtividade dos termos

¹ Consulte Ricardo J. Kaliman, 'Cultura imaginada y cultura vivida. Indigenismo en los Andes Centromeridionales', na *Revista de Crítica Literaria Latinoamericana*, 42, 2º semestre (Lima, Berkeley: Latinoamericana, 1995), p. 87-99.

Cadernos de Tradução, Porto Alegre, nº 11, p. 25-38, jul-set, 2000.

mestizaje, transculturação e hibridez.² Essas três categorias, na verdade, embora difiram uma da outra, compartilham a suposição comum da duplicidade: nos três casos, a existência de pelo menos duas culturas visivelmente diferentes é postulada, e elas devem combinar-se conforme os vários mecanismos que cada um dos processos visa assimilar de forma precisa. O enredo-padrão seria, por um lado, duas culturas que são, respectivamente, reconhecidas como formas da cultura européia e, por outro, como culturas indígenas ou afro-americanas. Essa duplicidade nem sempre parece estranha, e muitas vezes é apresentada como o próprio fato que esses conceitos são chamados a explicar. Esses conceitos surgiram precisamente para lidar com a diversidade e o conflito cultural que caracterizam a América Latina.

Entretanto, na maior parte dos casos assim estudados, os verdadeiros profissionais da cultura não percebem a dicotomia da maneira como os acadêmicos a propõem. Assim como a 'tradição oral mesclada' de Zumthor é percebida como uma tecnologia única e não mista por aqueles que a praticam, também as culturas em que os estudos históricos e genéticos³ distinguem elementos europeus de elementos indígenas são realmente vividas como um todo cultural ou, para ser mais preciso, não é nesses aspectos que suas contradições mais reveladoras serão constatadas. Durante uma oficina na *JALLA (Jornados Andinas de Literatura Latino-americano)* em Tucumán, Julio Miranda Bernal observou que falantes de quechua não fazem distinção entre palavras que provêm do quechua e aquelas que os lingüistas chamam de 'empréstimos' do espanhol.

Em 'lata ñami' ou 'lata pishqo', por exemplo, a palavra 'lata' faz parte de sua língua tanto quanto 'navi' e 'pishqo'. E o mesmo ocorre, ou não há razão, *a priori*, para pensarmos que não ocorre, com os elementos culturais que intervêm nos vários práticas que vêm sendo descritos como *mestizo*, transcultural ou híbrido, não importando se é uma reencarnação de *ñusta* (princesa Inca) como a Virgem da caverna ou a produção artesanal para o mercado de turismo.

Entretanto o destino de nenhuma prática social, que é sua capacidade de ser reproduzida e as maneiras pelas quais é transformada, depende crucialmente da percepção de seus agentes. A resistência a imposições externas, por exemplo, só poderá ocorrer se essas imposições forem assim reconhecidas. Consequentemente, um modelo que não leva em consideração essa percepção dificilmente pode ser interpretado como uma explicação adequada da dinâmica dessas práticas.

O reconhecimento de um elemento específico como 'autenticamente' nativo - se é que isso é possível -, ou de outro elemento como uma imposição

² Cf. Antonio Cornejo Polar, 'Mestizaje e hibridez: los riesgos de las metáforas. Apuntes', lido na XXXI Congresso LASA, em Guadalajara, México, abril, 1997. Não estou afirmando que o argumento que irei desenvolver é o mesmo de Cornejo Polar nesse artigo. Ao invés disso, penso que a insatisfação que ele expressa pode ser explicada, pelo menos parcialmente, pelas limitações que aqui estabeleço.

³ Utilizo 'genético' para fazer referência à tentativa de explicar culturas contemporâneas através de sua suposta origem, que presume a existência prévia de culturas 'indígena' e 'afro-americana' puras em contraposição com a existência de uma cultura 'européia' pura.

Cadernos de Tradução, Porto Alegre, nº 11, p. 25-38, jul-set, 2000.

européia 'pura', só é útil como referência histórica ou como um fato para incitar um discurso sobre identidade com respeito à lealdade ao passado e rejeição das influências estrangeiras (ou talvez o contrário), mas não como uma explicação para o presente.

Outro conceito do qual conclusões parecidas podem ser traçadas é o dos 'legados coloniais' que, embora seja, na verdade, empregado com o desejo de revelar e condenar, limita-se, a enfatizar a analogia que pode ser estabelecida entre elementos culturais no passado e no presente, geralmente ignorando a forma específica que esses elementos assumem na realidade da percepção contemporânea.

Esse processo se oculta na metáfora do 'legado', que nunca é realmente desenvolvida, mas que sugere que as estruturas coloniais foram passadas adiante para a sociedade subsequente em forma de um bloco estável e compacto, mesmo quando, na realidade, um mínimo de reflexão sobre o mecanismo de reprodução social seria suficiente para revelar os complexos processos envolvidos, e a ainda pouco adequada natureza de noções como estruturas de sentimentos, rotina e socialização que nos permitem distinguir seus métodos de transmissão.

Visto dessa forma, traçar uma analogia entre os preconceitos e a divisão de poder de um período histórico em outro, que é o foco do conceito de 'legados coloniais', seria totalmente irrelevante à análise do estado das coisas durante um desses períodos.

Em suma, isso não representa – e nem tenta representar – a percepção dos profissionais⁴, a identificação das dicotomias admitidas por conceitos como *mestizaje*, transculturação e hibridização, e das analogias criadas pelos legados coloniais. Assim, torna-se uma ferramenta inútil para a compreensão dos processos culturais latino-americanos – pelo mesmo no sentido que, como afirmei no início deste ensaio, nos interessa. Além disso, essa mesma qualidade sustenta que esses conceitos são um ingrediente-chave na composição do paradoxo que motivou este debate.

Na verdade, a falta de consideração e até mesmo a ausência de modelos que se ocupem com a complexa dinâmica dos processos culturais significa que tais conceitos devem ser aplicados de forma seletiva àqueles processos que serão interessantes para os principais assuntos do campo.

Uma vez que o desejo de reconhecer dicotomias genéticas é fundamental para *mestizaje*, transculturação e hibridização, eles levam à recusa de quaisquer práticas nas quais elementos indígenas ou afro-americanos não sejam claramente

⁴ Para evitar desentendimentos, devo esclarecer que o conceito de 'consciência' que emprego aqui corresponde à da tradição marxista conhecida como 'consciência prática', ao invés de qualquer outro conceito de consciência ligado à 'filosofia da consciência'. Uma perspectiva essencialista pode sugerir que o puro 'indigenismo' ou 'estruturas coloniais' vivem imaculadamente preservados em níveis inconscientes da consciência prática. Entretanto a formação da consciência prática também é mediada pela socialização e, dessa forma, é transformada de geração em geração. É a obliteração dessa longa e complexa série de mediações e transformações que esteriliza categorias tais como aquelas que estou questionando aqui.

reconhecíveis, elementos nos quais eles são capazes de reconhecer, isoladamente, a diversidade em oposição à hegemonia (essa última, conseqüentemente, sendo reduzida àqueles elementos nos quais o elemento europeu pode ser claramente reconhecido).

Da mesma forma, o desejo pela chamada 'denúncia' de legados coloniais só pode ser satisfeito naqueles fenômenos nos quais a analogia sobrepuja o meramente estrutural, identificando elementos que podem ser interpretados como sendo sobreviventes de tempos coloniais. Dessa forma, a grande maioria das práticas culturais nas quais homens e mulheres latino-americanos estão realmente envolvidos são deixados de fora do campo de interesse dos estudiosos da cultura, na medida em que eles não são suscetíveis a interpretações que esses conceitos necessitam elaborar.

As limitações conceituais dos conceitos de *mestizaje*, transculturação e hibridização – é curioso notar – vêm de uma aceitação *a priori* de que as categorias válidas para compreender a América Latina são, primeiramente, a cultura européia e, depois, o outro da cultura européia. Não é difícil traçar as raízes dessa idéia na origem eurocêntrica da disciplina – e, acima de tudo, na ilusão da homogeneidade da cultura européia.

Somente a partir dessa perspectiva se pode imaginar que é possível compreender a diversidade e heterogeneidade latino-americanas nos termos propostos por esses conceitos. No caso dos legados coloniais, ao invés de iniciar pelo estudo dos componentes subjetivos da ação cultural, o ponto de partida é antes um exagero das possibilidades interpretativas da periodização – isto é, quando não há uma referência, como sugere a análise que continuo a fazer, às questões que têm predominado em instituições desde o advento dos estudos pós-coloniais, explicitamente localizados em nações descolonizadas durante o século vinte.

Se a análise estiver correta, podemos provisoriamente concluir que, no desenvolvimento dessas categorias, tem havido uma imposição do discurso tradicional da disciplina sobre as questões levantadas pela realidade atual que está sendo estudada. É através dessa tradição disciplinária, portanto, que o campo determina o que é *interessante*, insistindo em interpretar a realidade latino-americana de acordo com a inércia de seu próprio desenvolvimento, ao invés de esforçar-se para descrever o desenvolvimento das verdadeiras práticas que procura estudar.

3. Para fortalecer essa conclusão, passo a analisar um artigo de autoria de Walter Mignolo,⁵ – como representativo do discurso mais recente das disciplinas – no qual, usando argumentos complexos, eruditos e inteligentes, ele propõe que os estudos culturais adotem o termo 'pós-ocidentalismo', em uma tentativa de "continuar descentralizando a localização geográfica e epistemológica de

⁵ Walter D. Mignolo, 'Posoccidentalismo: Las epistemologías fronterizas y el dilema de los estudios (latinoamericanos) de áreas', na *Revista Iberoamericana*, LXII (176-177), julho-dezembro, 1996, p. 679-696.

continente, regionalizando o 'pós-modernismo' e o 'pós-colonialismo'" (p.679). Esse objetivo está articulado com uma das linhas dominantes atuais do pensamento dentro dos estudos culturais latino-americanos, precisamente a tendência que, como pode ser vista na sua formulação, é apresentada como aparentemente progressiva e sensível à diferença latino-americana. Sob tal enfoque, gostaria de enfatizar desde o começo a base comum entre os objetivos dessa tendência e os da posição que defenderei aqui. Na realidade, é essa confluência de objetivos que torna a discussão possível, pois o que tentarei demonstrar é que as idéias que servem de base a este artigo, que creio representem as de um vasto e influente setor dos estudos culturais latino-americanos, não só não resolvem o paradoxo, como também contribuem de alguma forma para fortalecê-lo.

Igualmente, deve-se esclarecer que Mignolo não parece ter insistido, após esse artigo, na sua proposta de pós-ocidentalismo. Talvez isso se deva a alguns dos problemas que irei expor agora, assim como talvez isso se deva a outras razões. Creio, entretanto, que esse ensaio revela um método de trabalho dominante no campo e é nesse sentido que acredito ser pertinente discutir o assunto. Basicamente, a questão é: uma vez que há alguma conformidade entre nossos objetivos, deveríamos começar a debater uma forma de atingi-los.

A primeira parte do artigo de Mignolo está centrada em um diálogo com um ensaio de Roberto Fernández Retamar, originalmente publicado em 1976,⁶ do qual o termo 'pós-ocidentalismo' foi retirado. O artigo de Retamar oferece, como irei demonstrar de forma mais ampla, uma caracterização bastante inequívoca sobre o sentido em que ele entende esse termo. O mesmo não ocorre com Mignolo, cuja estratégia seria a de deslindar o significado que possui em mente em diferentes passagens por todo o artigo.

Essa estratégia torna seu argumento mais complicado, uma vez que a 'regionalização', objetivo do pós-ocidentalismo, só é convincente se formos capazes de perceber o que é que a separa do pós-colonialismo e do pós-modernismo. Se esse não for o caso, a proposta limita-se à adoção de um novo termo para designar posições com as quais já estamos familiarizados, que se originam no centro e a partir dele são disseminadas, em clara contradição com o declarado objetivo da 'descentralização'.

Como será visto, essa questão é fundamental para meu argumento, que se constituirá no ponto crucial do desafio mais significativo desse artigo. O autor, entretanto, não parece ver as coisas sob o mesmo ponto de vista. Em primeiro lugar, há várias passagens nas quais ele sugere que, na verdade, as palavras 'ocidentalismo' e seu correspondente 'pós' – através do qual descrevo seu uso corrente e os vários significados das palavras – são o ponto mais importante da proposta, como pode ser visto na seguinte citação:

⁶ Roberto Fernández Retamar, "Nuestra América y Occidente", originalmente publicado em *Casa de las Américas*, 98, setembro-outubro (1976). Cito a edição que se encontra incluída em *Algunos usos de civilización y barbarie* (Buenos Aires: Ediciones Letra Buena, 1993), p. 117-161. Cadernos de Tradução, Porto Alegre, nº 11, p. 25-38, jul-set, 2000.

"Para os pensadores latino-americanos a intercepção e a superposição dos poderes imperiais foi concebida menos em *termos* de colonização do que de Ocidentalização. É por isso que 'pós-ocidentalismo' (mais do que 'pós-modernismo' e 'pós-colonialismo') é uma *palavra* que encontra seu lugar 'natural' na trajetória de pensamento na América Latina, assim como 'pós-modernismo' e 'pós-colonialismo' encontram os seus na Europa, Estados Unidos e nas ex-colônias Britânicas, respectivamente."

Ou quando ele traz o ocidentalismo de volta a um 'legado de discurso imperial', pois 'as possessões além-mar de Castila e Portugal eram conhecidas como as Índias Ocidentais' (p. 681), uma observação através da qual Mignolo favorece uma localização de natureza cartográfica com as mesmas conotações tendo o Ocidente como ordem cultural. O nome 'Índias Ocidentais' é, como sabemos, uma referência metafórica à Índia que já era de nosso conhecimento, da qual essa se diferencia daquela por sua localização em relação à Europa.

O Ocidente do ocidentalismo, por outro lado, refere-se à Europa e às suas colônias americanas, que são culturalmente consideradas relacionadas à delegação imperial, que as difere das colônias do bloco Oriental a partir de um ponto de vista cultural e não meramente geográfico. Além do mais, a continuidade sugerida entre as duas definições, ignora a notável diferença entre os sujeitos históricos do qual cada um surge: a Coroa Espanhola, no primeiro caso, e as 'modernas' nações européias, no segundo. A única coisa que confere algum significado a essa suposta continuidade é, em suma, o uso da mesma palavra, 'Ocidente'.

Igualmente, as propriedades do pós-ocidentalismo que, como já mencionei anteriormente, Mignolo lista ao longo de seu artigo, são decididamente inúteis quando se trata de diferenciá-la como algo especialmente latino-americano comparado ao pós-modernismo e ao pós-colonialismo. Por exemplo, ao comentar a natureza problemática do discurso dos 'latino-americanos de verdade' hoje, como Retamar fez em 1976, Mignolo afirma que

"a objetificação do conceito de cultura e o desenvolvimento de fenômenos tais como as culturas nacionais (continentais ou sub-continentais) foi e é uma parte integrante da própria idéia de ocidentalismo, da construção de Ocidente como o eu e do resto do planeta como o outro"(p.681). Ele continua: "o espaço entre o eu e o outro foi construído através da consideração das culturas como fenômenos restritos a territórios nacionais".(p.681).

Na verdade, possuímos hoje argumentos enfáticos, tais como os de Anderson e Hobsbawn, para citar apenas duas colaborações extremamente influentes, que apoiam uma conceitualização das identidades nacionais como construções intelectuais que têm por finalidade legitimar o Estado como o representante 'espíritual' da população que o controla, assim como sua soberania

territorial.

O que não está claro é por que a cultura ocidental deveria ser julgada como a cobertura de todos os nacionalismos, como sugere a passagem aludida, ao afirmar que o “desenvolvimento de fenômenos tais como culturas nacionais” é uma “parte integrante da própria idéia de cultura ocidental”, uma vez que a cultura ocidental pareceria ser apenas outro exemplo da aplicação do mesmo princípio. De qualquer forma, o que a evidência torna claro é que essa operação é característica do desenvolvimento de estados liberais, de Napoleão em diante.

Vincular a cultura ocidental com os nacionalismos, visto que esses são quase invariavelmente considerados uma característica inerente da modernidade, presume a identificação do pós-ocidentalismo e do pós-modernismo, também ocupado com a análise dessa legitimização do Estado.

Conclusões similares podem ser traçadas a partir de outra passagem na qual uma caracterização do ocidentalismo é posta em evidência. “A conversão de diferenças em valores”, diz Mignolo, “foi uma das estratégias fundamentais de subalternização implementadas pelo Ocidente, através do discurso e prática político-econômica”. A operação ideológica de igualar diferença e inferioridade que aqui se dá, típica do etnocentrismo, não é estritamente exclusiva dos poderes imperiais. Um estudo cuidadoso dos processos de identidade revela que tais discursos demonstram uma tendência acentuada ao etnocentrismo.

Em muitas culturas, a palavra que designa a identidade étnica de uma cultura é a mesma que é utilizada para seres humanos em geral, com a conotação resultante de que aqueles que não pertencem a esse grupo étnico referencial não são exatamente ‘seres humanos’. Sem dúvida, o que é mais importante na afirmação de Mignolo não é, dessa forma, meramente a operação etnocêntrica, mas sim seu uso como uma ‘estratégia de subalternização’, como um instrumento legitimizador do empreendimento colonial.

Nesse caso, então, o ocidentalismo será interpretado como algo equivalente ao colonialismo e, de fato, a condenação do etnocentrismo e de suas consequências conceituais é um elemento constitutivo, precisamente, do discurso pós-colonial.

A menos que não tenha conseguido observar algum ponto sutil escondido em uma outra parte do artigo, o significado de pós-ocidentalismo proposto por Mignolo não pode ser diferenciado, dessa forma, de seus correlatos situados em outras coordenadas geointelectuais.

A regionalização parece bastante segura das possibilidades da própria palavra, embora não haja nada nessa proposta que a proteja do risco de que o significado de “pós-ocidentalismo” acabe tomando o significado de outros termos, já mais prestigiados devido a uma posição privilegiada no discurso dos estudos culturais. Pelo contrário, ela até mesmo parece sugerir que o valor da palavra “pós-ocidentalismo”, para os estudos culturais latino-americanos, reside precisamente no fato de oferecer uma perspectiva latino-americana dentro de uma história previamente expressa na linguagem do — digamos — pós-modernismo ou pós-

colonialismo.

Vista dessa maneira, a lógica dessa proposta — que podemos interpretar como um sinal das conjecturas compartilhadas no ambiente acadêmico, a partir do qual a proposta é lançada — confirma uma parcela significativa do diagnóstico que antecipei na seção anterior, quando afirmei que a direção dos estudos culturais latino-americanos segue a inércia de seu próprio discurso.

Isso também nos permite observar que o último, por sua vez, mostra-se altamente suscetível a tradições discursivas mais centrais, de onde se infere que, ao invés de contribuir para a descentralização da produção de conhecimento, essa linha de estudo antes contribui para o efeito exatamente contrário, que é o de reforçar os processos hegemônicos.

(4) A única característica do pós-ocidentalismo que nos permitiria considerá-lo uma proposta verdadeiramente latino-americana é a de que ele foi retirado de um texto por um notável intelectual claramente anticolonialista com uma longa e reconhecida experiência no ensino da busca de um pensamento independente no discurso crítico latino-americano. Entretanto, mesmo desse ponto de vista, o argumento apresenta pontos fracos, uma vez que o conceito de Retamar é transformado em elementos epistemologicamente definitivos. Analisarei esse aspecto, já que essa diferença nos leva a outro ponto de meu diagnóstico inicial, de acordo com o qual a inércia intelectual do campo faz com que o trabalho do estudioso da cultura não seja orientado por problemas da realidade cultural latino-americana e, assim, fazendo com que essas práticas fiquem fora do círculo de interesse da disciplina.

No ensaio de Fernández Retamar, o ocidentalismo não lida apenas com a Europa eurocêntrica, mas explicitamente e, acima de tudo, com o capitalismo. Por sua vez, o “pós-ocidentalismo” iguala-se claramente ao marxismo. O trabalho de Retamar é, nesse sentido, marxista, embora não o seja sob um ponto de vista metodológico, de acordo com o qual ele está mais apropriadamente situado dentro da estrutura da história das idéias, ainda que com referências diretas à relação entre o desenvolvimento do pensamento e certos marcos políticos fundamentais.

O artigo de Mignolo, por outro lado, dentro de uma estrutura totalmente pós-estruturalista, traz pelo menos uma afirmação que sugere os postulados clássicos do marxismo mecanístico. De fato, na passagem anteriormente referida, na qual a relação do ocidentalismo com as identidades nacionais é discutida, ele sustenta que:

“...o crescente processo de globalização planetária e o aumento, tanto do capital nacional quanto da migração em massa, põem em dúvida categorias que permitem que pessoas e entidades abstratas concebidas como ‘cultura’ sejam ligadas a territórios”.

Quase imediatamente, ele reitera essa afirmação: “A transnacionalização do capital e seu desarraigamento da esfera nacional, como as migrações causadas

pela transnacionalização econômica, tem continuamente fragmentado a idéia de que culturas são entidades coerentes que podem estar localizadas em unidades geográficas discretas”. Dessa forma, são certos processos sócio-econômicos que determinam idéias, reproduzindo os esquemas clássicos da determinação da super-estrutura pela base.

Não pretendo negar a hipótese razoavelmente plausível de que as condições políticas e econômicas mencionadas por Mignolo, acima de toda a transnacionalização do capital, geraram uma atmosfera propícia para a difusão e para o relativo suporte que teorias sobre a natureza desenvolvida da identidade nacional tiveram no âmago da academia. Entretanto a validade que conferimos a esses argumentos não depende — ou não deveria depender — desses fenômenos, mas sim de critérios de avaliação independentes: a coerência dos modelos que eles assumem e sua correspondência com o fato empírico, por exemplo.

Partindo-se dessa perspectiva, não se trata simplesmente do fato de que o caráter metafísico do conceito ontológico da nação “tem sido questionado” ou “é continuamente desgastado”, mas sim de que é, atualmente, insustentável de acordo com os parâmetros epistemológicos mais plausíveis.

O fato de essa convicção não haver conquistado mais terreno no mundo acadêmico e de os defensores da nação ontológica ainda não se sentirem impelidos a oferecer nenhuma evidência disso se deve à secular pressão de um sistema educacional e de outros igualmente poderosos mecanismos que moldam a subjetividade, e do relaxamento endêmico do rigor intelectual nas humanidades.

Essa afirmação aparentemente marginal que faço sobre o texto de Mignolo é, na verdade, sintomática de uma diferença epistemológica fundamental, que acredito separar os respectivos ocidentalismos de Mignolo e Retamar. No cenário pós-estruturalista, criado pelo primeiro, há uma negação total da possibilidade de um conhecimento cuja legitimidade se estende para além dos limites da posição histórica e social dos sujeitos envolvidos.

Nesse contexto, expressões como aquelas que acabei de utilizar (‘critérios de avaliação independentes’, ‘parâmetros epistemológicos mais plausíveis’, ‘rigor intelectual’) são insignificantes ou, de qualquer forma, são descartadas como reabilitações do ‘sujeito desencarnado do conhecimento, como fora postulado por Descartes e articulado na modernidade’, que também é, afirma-se, “cada vez mais difícil de sustentar” (p.686) e deveria ser transferida para onde, de acordo com este cenário, estamos lutando para pôr um fim na modernidade, no colonialismo e no ocidentalismo.

Apesar de, em outra ocasião, já haver discutido — assim como outros já o fizeram de forma mais apropriada antes e depois de mim — essa tendência que reduz a capacidade científica humana a um mero traço cultural europeu, este não me parece ser o momento para desenvolver essa difícil questão epistemológica.

É, entretanto, pertinente chamar a atenção para o fato de que o apelo à razão, como uma alternativa ao suposto curso livre das chamadas “epistemologias locais”, para atuar como um juiz em um jogo cujo final garante que a verdade

pertencerá a quem oferecer o melhor preço, é um traço definitivo do “pós-ocidentalismo”, mas do pós-ocidentalismo de Retamar. Para ele, de fato, o pós-ocidentalismo do marxismo (que faz com que ele conquiste o Ocidente) reside em seu potencial científico, como ele revela ao endossar a seguinte citação de Julio Antonio Mella:

“Para afirmar que o marxismo [...] é exótico na América, dever-se-ia provar que aqui não há proletariado; que o imperialismo não existe com as características enfatizadas por todos os marxistas; que as forças de produção na América são diferentes das da Ásia, na Europa, etc. Mas a América não é um continente de Júpiter, mas sim da Terra. E a aplicação universal de seus princípios é uma questão básica para todos aqueles que se autoproclamam marxistas [...]”

Na verdade, essa característica do pós-ocidentalismo de Retamar seria, de acordo com o pós-estruturalismo de Mignolo, ocidentalista, pois atribui ao marxismo uma posição ‘cartesiana’. O próprio ensaio de Retamar contesta que “a aceitação ou a rejeição do materialismo dialético e histórico por pensadores latino-americanos não [...é], de forma alguma, outra fase na história de sua aceitação ou rejeição das idéias ‘ocidentais’, mas muito pelo contrário” (p.153), corrobora uma afirmação feita um pouco antes, de acordo com a qual

“Alguns críticos de Mariátegui têm afirmado que ele era marxista, *mas* que desenvolveu critérios próprios em relação aos problemas de nossa América. Na verdade, deve-se dizer que ele era realmente marxista *porque* ele desenvolveu tais critérios. Lenin, que enriqueceu o marxismo da época durante a era do imperialismo e do triunfo da primeira revolução socialista (ocasiões que Marx e Engels não viveram para presenciar), considerava que ‘a alma viva do marxismo’ era ‘a análise concreta da situação concreta’.”

Dessa forma, essa vocação para um estudo científico da realidade e a confiança na ciência predominam na tradição intelectual latino-americana que Mignolo escolheu como interlocutora de suas reflexões, ao mesmo tempo em que é inaceitável para um epistemo no qual o discurso quase substitui totalmente a realidade. Isso o obriga a transformar radicalmente o conceito de Retamar de pós-ocidentalismo, eliminando precisamente o que era uma das aspirações fundamentais desse conceito.

Não é necessário ver o marxismo como o único paradigma que pode oferecer as ferramentas adequadas para a interpretação da realidade, embora acredite que seja necessário reconhecer seu papel central e cientificamente revolucionário no desenvolvimento das ciências sociais e na produção de categorias de análise que elucidem as contradições e os conflitos que impulsionam os processos sociais. De qualquer forma, penso que o que é importante nesse

debate está centrado em um nível mais geral de pensamento.

A produção de conhecimento sugere a produção de generalizações e, portanto, a produção de categorias. Quando as categorias se conformam às crenças dominantes, cuja validade seria simplesmente transmitida porque ganharam seu lugar no discurso institucional, aplicá-las significa simplesmente 'reconhecê-las', uma operação através da qual a disciplina nos força a selecionar aqueles fenômenos nos quais esse 'reconhecimento' é mais plausível.

Nada além disso os interessa. Geralmente, essas categorias são instruções que visam dar forma à realidade, ou pelo menos nada as impede de estarem limitadas a isso. E, também geralmente, são asseveradas com a flexibilidade e a imprecisão características de um instrumento de interpretação.

O que realmente precisamos é de categorias que possam ser comprovadamente inadequadas no momento em que decidirmos 'aplicá-las', que sejam definidas com rigor suficiente para que possamos reconhecer se uma determinada realidade concreta pode ou não ser moldada dessa maneira.

Nesse caso, qualquer prática que não pudesse ser moldada com a utilização dos termos propostos conquistaria interesse teórico, pelo simples fato de questionar as categorias e de ser capaz de propor categorias melhores. E se, por outro lado, as categorias provarem ser adequadas e não fracassarem, será porque nos possibilitam a capacidade de explicar processos culturais, o que vem a ser o objetivo de nossa profissão.

É na busca de tal linha de conduta, que leva à resolução de nosso paradoxo, que observamos a convergência de várias polêmicas que nós, como estudiosos da cultura latino-americanos, devemos considerar.

(1) Na segunda parte do artigo, cuja primeira seção discuti amplamente aqui, Mignolo estabelece um modelo que nos permite avançar na compreensão das razões pelas quais o paradoxo é, todavia, de tão difícil resolução. A respeito disso, ele fala de uma 'epistemologia fronteira entre as exigências epistemológicas das ciências sociais e as expectativas políticas do pensamento intelectual' (p.686):

A situação é complexa, uma vez que, de um lado, temos o trabalho de acadêmicos motivados por um genuíno interesse intelectual na situação socio-histórica da América Latina e, por outro, interesses do estado unindo estudos de área com intentos imperiais.

A dinâmica desse campo pareceria estar fundada na dialética entre essas duas variáveis. Não há dúvidas de que a segunda situação emana clara e vigorosamente do sistema governante. Dentro dessa tendência, deveríamos urgentemente examinar o avanço constante de projetos que Ileana Rodríguez⁷

⁷ Ileana Rodríguez, 'Cambios en el sistema de educación superior: del ámbito liberal al corporativo', não publicado.

classificou como 'corporativos' e que ameaçam neutralizar as possíveis consequências sociais dos estudos culturais em favor de uma tecnocracia globalizada com vistas à eficiência.

Tenho observado que essa pressão recai de forma particularmente intensa sobre nossos colegas estabelecidos nos Estados Unidos – embora seja claro que tais fenômenos são facilmente duplicados no contexto latino-americano – como um resultado da concentração de recursos econômicos nos Estados Unidos e de suas oportunidades de trabalho e de desenvolvimento profissional e econômico.

Todavia, apesar das tentativas de 'neo-liberalizar' sistemas educacionais e programas de pesquisa na América Latina, parece-me que ainda estamos longe de atingir o nível de industrialização que, em contraste, realmente parece predominar em direção ao Norte. Na América Latina, ainda é possível, acredito, desenvolver projetos de pesquisa nos quais possamos decidir o que é interessante de acordo com as questões colocadas pela sociedade, ao invés de sermos obrigados a tomar parte em assuntos ditados por hegemonias políticas ou econômicas.

Contudo não há garantia de que esse sempre será o caso. De fato, os indícios atuais não estimulam otimismo. O exercício do controle sobre o foco de nosso trabalho pelas autoridades e como lidamos com essa situação é algo que interessa a todos.

Nesse contexto, acredito que um projeto como o JALLA é particularmente importante, pois consegue oferecer um fórum intelectual alternativo para 'academias motivadas por um interesse intelectual genuíno' pela realidade sócio-cultural na América Latina em geral e pela realidade sócio-cultural andina, em particular, proporcionando, por conseguinte, uma independência relativa em relação às estruturas econômicas e políticas. E, é no desejo de ultrapassar o mero voluntarismo e na esperança de que esses objetivos tomem forma através do debate, que propus estas reflexões.

Tradução e Literatura Comparada: cruzamento interdisciplinar

Sara Viola Rodrigues¹

No artigo "Carta a um Amigo Japonês", que vem a ser o texto da carta que Jacques Derrida (1987) escreveu para Toshihiko Izutsu, o célebre islamólogo japonês, o não menos célebre filósofo francês registra algumas reflexões sobre a palavra "desconstrução" que retomamos agora, para também refletirmos um pouco sobre a relação entre Literatura Comparada e Tradução.

Antevendo a dificuldade de uma "possível tradução dessa palavra para o japonês", Derrida propõe-se a tentar, ao menos, determinar tudo aquilo que não pode ser associado à palavra "desconstrução", ou tudo o que *deveria* ser a ela associado, se *possível*. É o próprio filósofo quem salienta as expressões *deveria* e *possível*, pois, como se verá adiante, as dificuldades de tradução da referida palavra, servem para demonstrar que a questão da desconstrução é também, inteiramente, a questão da tradução. Mesmo em francês, não se encontra uma significação clara e unívoca para a referida palavra. Seus significados mudam de um contexto a outro, o mesmo acontecendo em alemão e inglês. Sobre tudo, no inglês americano, a palavra desconstrução está ligada a conotações, inflexões e valores afetivos muito diferentes.

Derrida segue explicando ao professor Izutsu, que escolheu essa palavra para ser, se não lhe falha a memória, utilizada em *Gramatologia*. Desejava, entre outras coisas traduzir e adaptar as palavras heideggerianas *Destruktion* ou *Abbau*, as quais indicavam, naquele contexto, uma operação relativa à *estrutura*, ou à *arquitetura* tradicional dos conceitos fundadores da ontologia ou da metafísica ocidental. Acontece que em francês, continua Derrida, o referido termo *destruction* (destruição), implicava, muito claramente, "uma aniquilação, uma redução negativa, talvez mais próxima da "demolição" nietzschiana, do que da interpretação heideggeriana do tipo de leitura que [ele] propunha. Assim sendo, Derrida desiste de utilizá-la.

O autor diz que se lembra de ter verificado se a palavra desconstrução (que lhe chegara de maneira aparentemente muito espontânea) era, de fato, francês. Foi ao *Littre* e gostou do que viu: "os suportes gramatical, lingüístico ou retórico, encontravam-se aí, associados a um suporte "mecanicista" que calhavam com o que

¹ Professora do Departamento de Línguas Modernas do Instituto de Letras da UFRGS e do PPG de Letras. Pesquisadora do Núcleo de Estudos de Tradução. Doutora em Literatura Comparada - USP.

Cadernos de Tradução, Porto Alegre, nº 11, p. 39-44, jul-set, 2000.

Derrida desejava sugerir. E o autor retoma alguns verbetes do *Littre* que citamos a seguir:

"Desconstrução". /Ação de desconstruir./Termo de gramática. Desorganização da construção das palavras em uma frase. "Da desconstrução vulgarmente dita construção", Lemare, De la manière d'apprendre les langues, capítulo 17, em Cours de langue latine. Desconstruir/1. Desarticular as partes de um todo. Desconstruir uma máquina para transportá-la para outro lugar; 2.Termo de gramática (...) Desconstruir os versos, torná-los, por supressão da medida, semelhantes à prosa./Absolutamente. "No método de frases pré-nocionais, começa-se também pela tradução, e uma de suas vantagens é não ter nunca necessidade de desconstruir", Lemare, ibidem 3. Desconstruir-se (...) Perder sua construção. "A erudição moderna nos atesta que, em uma região do imutável Oriente, uma língua próxima à sua perfeição desconstruiu-se e alterou-se por si mesma, pela única lei de mudança, natural ao espírito humano.

Derrida adverte que, embora todas essas significações lhe interessassem por se coadunarem com o que ele "queria dizer", elas certamente não abarcavam a totalidade dos sentidos que a desconstrução pode pretender. "Essa totalidade não se limita nem a um modelo lingüístico-gramatical, nem mesmo a um modelo semântico, e menos ainda a um modelo mecanicista". Segundo Derrida, foram esses modelos que deram origem a uma série de mal-entendidos sobre o conceito e a palavra "desconstrução". O autor lembra que "a palavra era de uso raro, muitas vezes desconhecida na França". Por isso, de certo modo, ela precisou ser reconstruída e "o seu valor de uso foi determinado pelo discurso (...) em torno e a partir da *Gramatologia*". Derrida chama a atenção para o fato de que é desse valor de uso que estará tratando e, não, de "algum sentido primitivo, qualquer etimologia ao abrigo ou além de toda estratégia contextual".

Antes, entretanto, o autor faz algumas observações sobre o "contexto". Recorda que o "estruturalismo" era então dominante e "desconstrução" parecia ter tudo a ver com esse movimento, já que a palavra significava "uma certa atenção para com as estruturas". Nesse sentido, continua Derrida, desconstruir era um gesto estruturalista, mas era também visto como um gesto anti-estruturalista, pois tratava-se de "desfazer, descompor, dessedimentar as estruturas (todas as espécies de estruturas, lingüísticas, "logocêntricas", "fonocêntricas" e Derrida faz menção ao domínio que a lingüística exercia sobre o estruturalismo via seus modelos lingüísticos, "da lingüística dita estrutural que se dizia também saussuriana". O estruturalismo também era dominado por modelos socioinstitucionais, políticos, culturais e, principalmente, filosóficos. Derrida declara ser por isso que, principalmente nos EUA, o motivo da desconstrução foi associado ao "pós-estruturalismo". Entretanto, segundo o mesmo autor, a operação de descompor, dessedimentar as estruturas, era de caráter mais histórico que o estruturalismo, o

qual, por isso mesmo, era recolocado em questão e isso não era para ser uma operação negativa. Derrida explica que "mais que destruir, era preciso também compreender como um 'conjunto' tinha se construído". Contudo, esse caráter negativo era e é muito difícil de apagar: o próprio prefixo da palavra desconstrução (des-) carrega o sentido de negação [e ainda de separação, privação, ação contrária]. Por tudo isso, Derrida declara que essa palavra nunca lhe pareceu satisfatória (e pergunta: "mas qual palavra o é?"), afirma ainda que a palavra *desconstrução* deve sempre estar circunscrita por um discurso.

O filósofo e crítico francês continua sua carta dizendo que, "apesar das aparências, a desconstrução não é nem uma análise, nem uma crítica" e ele alerta que a tradução dessa palavra deveria levar isso em conta. Justifica dizendo que não é uma *análise*, em particular, porque "a desmontagem de uma estrutura não é uma regressão em direção ao *elemento simples*, a uma *origem indecomponível*. Aponta para o fato de que a instância da crítica (decisão, escolha, julgamento, discernimento) também é, "ela mesma, um dos 'temas' ou dos 'objetos' essenciais da desconstrução".

Derrida vai adiante, dizendo que a "desconstrução não é um método e não pode ser transformada em método" (...) sobretudo se se acentua nessa palavra a significação tecnicista. Um pouco além, esclarece tal afirmativa, exemplificando com o que acontece em certos meios universitários e culturais, especialmente nos EUA, onde desconstrução passa a ter essa significação tecnicista e metodológica, o que deu origem ao debate: "a desconstrução pode tornar-se uma metodologia da leitura e da interpretação? Pode assim se deixar apropriar e domesticar pela instituição acadêmica?"

O autor prossegue a carta declarando que a desconstrução não se reduz a qualquer "instrumentalidade metodológica, a um conjunto de regras e de processos transponíveis". Cada "acontecimento" de desconstrução é tão singular como, por exemplo, um idioma, ou uma assinatura". A desconstrução não é nem mesmo um ato ou uma operação:

não somente porque haveria nela qualquer coisa de 'passivo', ou de 'paciente'. Não somente porque ela não diz respeito a um sujeito (individual ou coletivo) que teria a iniciativa e a aplicaria a um objeto, um texto, um tema, etc. A desconstrução tem lugar, é um acontecimento que não espera a deliberação, a consciência ou a organização do sujeito, nem mesmo da modernidade. Isso se desconstrói. O isso não é aqui uma coisa impessoal, que se oporia a alguma subjetividade egológica. Está em desconstrução (Littre dizia: "se desconstruir... perder sua construção") E o "se" do "se desconstruir", que não é reflexividade de um eu, ou de uma consciência, carrega todo o enigma.

O filósofo missivista segue o texto conjecturando sobre o significado da desconstrução nos dias atuais em que ela tornou-se "um móbil com sua palavra,

seus temas privilegiados, sua estratégia móvel". Tentando simplificar, Derrida afirma:

a dificuldade de definir e, portanto, também de traduzir a palavra "desconstrução" deve-se ao fato de que todos os predicados, todos os conceitos definidores, todas as significações lexicais, e mesmo as articulações sintáticas que parecem um momento se prestar a essa definição e a essa tradução são também desconstruídas ou desconstruíveis, diretamente ou não etc.

O autor estende a validade dessa afirmativa para toda a palavra, pois a palavra "desconstrução", ou qualquer outra, só adquire valor se inscrita em uma cadeia de substituições possíveis, dentro de um determinado contexto. Assim, encaminha-se para a conclusão de sua carta, confessando que, por todas as razões apresentadas, desconstrução não é uma *boa palavra*, "embora tenha prestados alguns serviços, em uma situação bem determinada. Para saber o que a impôs em uma cadeia de substituições possíveis, apesar de sua imperfeição essencial, seria preciso analisar e desconstruir essa 'situação bem determinada'".

Derrida finaliza a carta registrando o que pensa sobre tradução. Para ele, a tradução não é "um acontecimento secundário e derivado em relação a uma língua ou a um texto de origem". Assim como a palavra desconstrução pode ser substituída por outra, em uma cadeia de substituições, dentro do francês, "isso também pode se fazer de uma língua para outra". Derrida ensaia então algumas possibilidades de caminhos para traduzir desconstrução em japonês: 1. teríamos uma outra palavra (a mesma e uma outra) *encontrada* ou *inventada* em japonês, para dizer a mesma coisa (a mesma e uma outra), para falar da desconstrução e para *conduzí-la para um outro lugar, escrevê-la e transcrevê-la*. Em uma palavra que seria também mais bela. Então Derrida chega ao conceito de tradução como "risco e possibilidade do poema". E sua última frase é: "Como traduzir 'poema', um 'poema'?"

Essa pergunta, entre várias outras possibilidades, enseja que retomemos o tema deste trabalho que é, precisamente, a relação entre a tradução e a Literatura Comparada, sob o impacto do pensamento derrideano acima exposto. Do ponto de vista da tarefa do tradutor, tomando-se um texto de literatura a ser traduzido para outra língua, temos que todas as suas palavras, figuras e significações deverão entrar em confronto com uma série de substituições possíveis na língua-cultura alvo. A escolha do tradutor será determinada por uma variedade de fatores (os quais não podemos aqui examinar detidamente) que têm, como moldura, o contexto situacional. Portanto, a tradução é sempre discurso resultante de apropriação, desconstrução e transcrição. Note-se aqui a confluência do pensamento de Derrida com o do poeta e tradutor Haroldo de Campos (1991), cujo conceito de *transcrição*, sobejamente conhecido entre nós, tem servido de norte para escritores e teóricos da tradução em nosso meio.

Do ponto de vista da Literatura Comparada, a tradução, enquanto elemento intermediário, desempenha papéis essenciais. Entre eles, como aponta Riffaterre (1995), o de chamar a atenção da academia [e de todos], para a existência de uma grande quantidade de culturas que a Literatura Comparada ignorava. Além disso, ainda de acordo com Riffaterre, a tradução pode ser vista como um paradigma para os problemas de compreensão e interpretação entre diferentes tradições discursivas. Este último fato comprova-se não só epistemologicamente, através de análises como a da carta de Derrida a Izutsu, como pelo que se pode deduzir a partir do contato cultural propiciado pela tradução. Veja-se como exemplo da penetração da atividade tradutória em praticamente todas as áreas do conhecimento humano, o livro de Judith Woodsworth: *Translators through History*, onde a autora traça o percurso da tradução e seu papel na invenção de formas de escrita e criação de dicionários, no desenvolvimento das línguas nacionais, na emergência de literaturas nacionais, na disseminação do saber, na questão do poder, da religião e da transmissão de valores culturais, na interpretação e construção da História.

Assim configurada, a relação entre a Tradução e a Literatura Comparada insere-se perfeitamente como objeto de reflexão e análise através do questionamento dos limites dessas duas disciplinas, do confronto de suas teorias e métodos. Tal análise enquadra-se no plano de investigação da Linha de Pesquisa Limiares Críticos no Comparatismo, do GT de Literatura Comparada da ANPOLL, na medida em que as investigações da Linha focalizam as zonas liminares entre as disciplinas do conhecimento humano, especialmente das ciências sociais, contrastando e confrontando seus discursos, revendo e reescrevendo conceitos tradicionais e, dessa forma, ultrapassando limites, conforme está ilustrado, por exemplo, no livro *Culturas, Contextos e Discursos: Limiares Críticos do Comparatismo*, coordenado por Tania Franco Carvalhal, de cujo texto, na Introdução da referida obra, retiro idéias para fundamentar essas considerações.

Ainda nesse sentido, e tendo em perspectiva o texto derrideano que comentamos, percebe-se que os Estudos da Tradução vinculam-se estreitamente à Literatura Comparada, compartilhando com esta a resolução de questões como apropriação, hibridismo, interpenetração cultural, cruzamentos discursivos, etc, pois tudo isso pode ser, num movimento reverso, flagrado, como se tentou demonstrar através do texto de Derrida, no processo de busca de solução para a tradução de *desconstrução*.

BIBLIOGRAFIA

- CAMPOS, Haroldo. Tradução e Reconfiguração do Imaginário: O Tradutor como Transfingidor in: Malcon Coulthard & Carmen Coulthard. *Tradução, Teoria e Prática*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1990.
- CARVALHAL, Tânia F. (Org.). *Culturas, Contextos e Discursos – Limiões Críticos no Comparatismo*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1999.
- DERRIDA, Jacques. Carta a um Amigo Japonês in: *Psiché: Invention de l'autre*. Paris: Galilée, 1987, p.387-93.
- RIFFATERRE, Michael. On the Complementary of Comparative Literature and Culture Studies in: Charles Berheimer (ed). *Comparative Literature in the Age of Multiculturalism*. Baltimore and London: John Hopkins University Press, 1995.

Semanálise e tradução

Sara Viola Rodrigues

No Seminário Internacional do GT de Literatura Comparada da ANPOLL “Limiões Críticos no Comparatismo”, realizado em 14 e 15 de 1999 na UFRGS em Porto Alegre, apresentei um trabalho intitulado “Os Limiões da Crítica da Tradução na Pós-Modernidade”(1999). O referido texto traça um panorama das diversas teorias da tradução na perspectiva de um contexto histórico, focalizando a ligação íntima entre a tradução, especialmente a tradução literária, a teoria literária, a literatura comparada e os estudos culturais. Pode-se dizer que o panorama mencionado aponta três direções principais.

A primeira, tendo como base as obras de Schulte e Biguenet (1989 e 1992) que reúnem ensaios sobre teoria da tradução de Dryden a Derrida, registra a reflexão de tradutores e especialistas sobre seus próprios atos de tradução e sobre a utilidade, impacto e função dessas traduções na sociedade humana. A segunda direção focaliza trabalhos com base estruturalista e lingüística, como, por exemplo, a obra de Juliane House e as duas versões de seu modelo para avaliar a qualidade da tradução (1981 e 1997). A terceira, embora compreendendo, como a primeira, abordagens variadas na sua origem e propósitos, é a direção tomada pelos estudos desconstrucionistas e pós-modernos. Esse grupo abrange especialistas oriundos principalmente dos campos da filosofia e sociologia (Graham, de Man, Derrida, Foucault, Gentzler, Venuti). No Brasil, alinham-se com o pensamento pós-estruturalista Arrojo, Aubert, Bordenave.

As duas primeiras direções tomam a noção de equivalência de sentido entre original e texto traduzido como a meta de toda e qualquer tradução e, portanto, como norma para avaliar a qualidade do texto traduzido. (Seja (m) qual (is) for (em) o(s) conceito (s) que produza (m) a noção de equivalência). A terceira direção, abandonando a crença de que o original possui um significado fixo, estável – que é preciso ser mantido na tradução – vai em busca de outras concepções e metodologias, como a desconstrução de Derrida, ou os estudos descritivos da tradução propostos por Gideon Toury, tendo como base o caráter deslizante do significado, associado às questões da recepção, especialmente contempladas na teoria dos polissistemas de Itamar Even-Zohar.

No final do trabalho, trouxemos uma posição crítica em relação às concepções pós-modernas a respeito do significado e do conhecimento, materializada, centralmente no texto de Mário Laranjeira (1998: 159-68) e na teoria da *semanálise* de Júlia Kristeva que, partindo das noções de estrutura profunda e estrutura de superfície, competência e performance da teoria chomskiana, associadas

às teorias freudianas do sujeito, apresenta duas noções denominadas *genotexto* e *fenotexto*, as quais Mário sugere que sejam aplicadas ao fenômeno da tradução.

No presente momento, trataremos de focalizar, com maior nitidez, as referidas noções de *genotexto* e *fenotexto*, buscando verificar como se flagram as marcas do *genotexto* no original, manifestadas através do *fenotexto*. Levantar evidências dessas noções no texto-fonte: “*The Raven*” (Poe, apud Lauter, 1994: 135), confrontando-as com suas (prováveis) equivalências nas traduções do referido poema, feitas por Machado de Assis, Fernando Pessoa e Milton Amado será um “test case” em nossa pesquisa a respeito da aplicabilidade da *semanálise* para resolver, ainda que não de todo, os problemas da produção de sentidos no texto original e na tradução. Isso é parte do objetivo maior do estudo dos *limites* da traduzibilidade da linguagem poética, um dos tópicos obrigatórios da crítica da tradução literária. O poema e as referidas traduções encontram-se em anexo ao trabalho.

Voltemos, portanto, ao texto de Laranjeira (1998: 164) que faz um apanhado sintetizador das noções de *genotexto* e *fenotexto*, a partir da obra de Kristeva. Para a autora (na tradução de Mário Laranjeira),

“o *genotexto* compreende todos os processos semióticos (as pulsões, suas disposições, o recorte que imprimem no corpo, e o sistema ecológico e social que cerca o organismo: os objetos circundantes, as relações pré-edipianas com os pais), mas também o surgimento do simbólico (a emergência do objeto e do sujeito, a constituição dos núcleos de sentido ligados a uma categorialidade: campos semânticos e categoriais). Levantar, em um texto, o seu *genotexto*, exigiria, poi, destacar os transportes de energia pulsional encontráveis no dispositivo fonemático (acumulação e repetição de fonemas, rima etc.) e metódico (entoação, ritmo etc.), assim como na disposição dos campos semânticos e categoriais tais como aparecem nas particularidades sintáticas e lógicas ou na economia da *mímesis* (fantasia, suspensão da denotação, narrativa etc.)”.

O *fenotexto*, nas palavras de Laranjeira, “é o texto manifestado”. “É a manifestação textual do *genotexto*”. Traduzindo Kristeva, o autor continua: “O *fenotexto* é uma estrutura (que se pode gerar, no sentido da gramática gerativa), obedece às regras da comunicação, supõe um sujeito da enunciação e um destinatário (...) O processo da significância compreenderá o *genotexto* como o *fenotexto*”. Mário esclarece que o processo de significância é

O processo de geração de sentidos que ultrapassa o nível mimético para atingir um nível mais elevado, o semiótico. É nesse último que se encontra o sentido literário e poético, que Michel Riffaterre chama também de sentido oblíquo, responsável pela literariedade do texto. Existe no texto literário – e particularmente na poesia – uma

polivalência, uma explosão de sentidos para além do sentido estritamente referencial.

Direcionados por esses elementos conceituais básicos, trataremos de analisar no *corpus* referido anteriormente, a questão da produção de sentidos, sem perder de vista o fenômeno da “tensão dinâmica” que se estabelece, na atualização do sentido na leitura, entre os três sujeitos: o autor do original, o tradutor (leitor-reescritor) e o leitor. Em outras palavras, tentaremos perceber se o(s) tradutor(es) cria(m) na língua-cultura alvo um texto homólogo ao original, *um texto que apresente ao leitor final também as marcas que o primeiro sujeito* [autor original] *imprimiu em seu fenotexto, e não apenas as marcas advindas da operação tradutória ou recreativa.*

Nossa metodologia buscará, portanto, analisar cuidadosamente as marcas fenotextuais do sentido e da significação no texto original, procurando apontar como foram recriadas no *fenotexto* da língua-cultura alvo. Talvez fosse desnecessário dizer que essa análise cuidadosa não significa uma análise exaustiva, completa; nem ao menos se trata de um longo trabalho descritivo, o que demandaria tempo e espaço muito maiores do que o permitido aqui. O referido limite de espaço, nos obriga a renunciar às citações ilustrativas do *corpus*, que deverá ser disponibilizado nos *Anexos* e cuja leitura se faz essencial para a compreensão do presente estudo. O cuidado que teremos, quando da análise textual, se traduz pela tentativa de rigor e precisão no tratamento de alguns índices ilustrativos do processo de significação do poema.

Destacamos, ainda, na citação explicativa sobre *fenotexto*, o conceito de tradução como sendo um ato comunicativo, estando nele presentes um sujeito da enunciação e um destinatário. Nesse sentido, lançamos mão do texto de Schmidt (1977) que explicita algumas bases teóricas do domínio da filosofia da linguagem e da semântica, importantes para a operacionalidade da análise textual que pretendemos neste trabalho.

O primeiro registro a ser feito é com relação ao conceito de *língua*. Segundo Wittgenstein (apud Schmidt, 1977: 154), *a língua em seu conjunto deve ser considerada como uma forma de vida social, uma práxis*. Daí a sugestão de Schmidt para se considerar a língua como um sistema de regras; *em outros termos, como forma da ação que tem por fim a comunicação* (p.154). A língua seria então esse conjunto de regras que regem esses jogos de atos cujo fim é a comunicação. Tais jogos de atos incluem a integração de formas de trabalho lingüísticas e não-lingüísticas, a relação com o receptor, bem como a existência de um contexto e da ligação com a situação.

Disso decorre que, do ponto de vista da filosofia da linguagem, o texto é a marca da intenção combinada, de um locutor, de comunicar uma mensagem e produzir um efeito (p.157). Mais adiante, Schmidt salienta que, num jogo de atos de comunicação, os locutores não falam por “palavras” ou “frases”, mas por “textos”.

Dessa concepção de texto – *um processo que se manifesta como um traço da constituição da significação, no contexto dos jogos comunicativos* – passamos à hipótese de que, entre os dois níveis textuais – o nível da estrutura profunda (genotexto) e o da estrutura de superfície (fenotexto), o primeiro nível (genotexto) é o fundamental para uma análise textual temática do conteúdo, *já que todo texto bem formado recebe sua coerência semântica da existência de “uma estrutura profunda” lógico-semântica que funciona como macroestrutura semântica do texto e pode ser considerada como uma denominação do tópico do texto* (p.162). Devemos ainda lembrar que, na recepção do texto, a estrutura profunda é *construída progressivamente pelo leitor, o qual efetua generalizações a partir de fatores semânticos da sequência frásica, e traduz esses fatores em categorias da macroestrutura* (p.165).

Voltando-nos para o poema “The Raven”, podemos descrever sua produção como um processo de decisões, cuja etapas individuais são reguladas pela intenção dominante da produção de um efeito. O hipertema do referido poema pode ser definido como: “homem apaixonado lamenta a morte da mulher amada”. Como tópicos dominantes, articulados ao hipertema, aparecem “a morte/perda”, e a “memória”. Tais tópicos são colocados em evidência no poema principalmente através da materialidade sonora e rítmica, do léxico e das repetições (em especial, dos refrões). Veremos alguns exemplos de como essa relação é apresentada e de como, dessa representação, surgem vários símbolos para os tópicos.

A materialidade sonora é constituída em todas as estrofes do poema a partir de uso maciço de aliterações, assonâncias, rimas internas (eco), e externas (na sua maioria *misturadas*). À guisa de ilustração, transcrevemos a primeira estrofe, procurando salientar tais ocorrências:

Once **upon** a midnight *dreary*, while I **pondered** *weak* and *weary*
Oyer many a quaint and *curious* *volume* of forgotten *lore*,
While I *nodded*, nearly *napping*, suddenly there came a *tapping*,
As of some one gently *rapping*, *rapping* at my chamber **door**.
“Tiss some visitor”, I *muttered*, *tapping* at my chamber **door** –
Only this and *nothing* **more**.

De imediato, o leitor é imerso no clima de sonolência/sonho/fantasia (nodded, napping, pondered), e começa a perceber a “batida” de algo ou alguém, traduzida pelos sons onomatopéicos que vão se acentuando gradualmente – passando das oclusivas a alveolar (pon, pon, napping, tapping e rapping). O leitor também é envolvido, de início, pelo som em **o**, com várias vizinhanças fônicas, especialmente as nasais **m** e **n**, que se arrastam pelo poema inteiro e dão o tom do lamento (juntamente, repetimos com: ó..ó..ó...) pela perda da amada Lenore [linór]. O efeito produzido nessa primeira estrofe é o de colocar o leitor na expectativa para receber o “visitante”.

Na segunda estrofe, o poeta trabalha ainda essa expectativa e reforça o lamento, declarando-se incapaz de encontrar alívio para a dor da perda de Lenore (“lost Lenore”).

Na terceira estrofe, além do lamento, a utilização de sons sibilantes (18 ocorrências), reproduz o roçar das cortinas de seda e o barulho do vento. Os sons em **t**, marcam um outra batida: a do coração do narrador, cheio de terrores, nunca antes experimentados. Continua a expectativa sobre o visitante.

Na quarta estrofe, maior ênfase à batida do visitante, com a repetição dos verbos *napping*, *tapping* e *rapping*, o som do vento, e a decisão de abrir a porta. O que o eu lírico-narrador (daqui em diante, às vezes, referido simplesmente como “narrador”) vê é a escuridão. Efeito produzido: imagem da escuridão aumenta os terrores do narrador, além da dor e do lamento.

Esses terrores são intensificados na quinta estrofe, e o coração bate mais forte e acelerado; isso é marcado pelas aliterações(16) em sons de **d**. E o narrador não obtém resposta. Continua a dúvida sobre o visitante. O narrador fecha a porta.

Na sexta estrofe, a batida é mais alta, mas se ouvem também os ruídos do vento, e o rumor do lamento. Há uma diversidade maior de sons, apontando para a multiplicidade de fatores que somam (como a entrada de instrumentos numa sinfonia) e que se apresentam reunidos para o ingresso definitivo do visitante, o que se dá com a abertura da janela. Os sons em **f**, caracterizam os meneios e o esvoaçar de um corvo que adentra o quarto do narrador e se empoleira sobre o busto de Palas Atenas.

Da sétima estrofe até o final do poema, o narrador indaga o Corvo, procurando respostas, buscando, sobretudo, decifrar o maior de todos os enigmas: “o que acontece depois da morte?” No caso específico do poema, o narrador quer saber se verá ainda Lenore no Paraíso. A ambigüidade e a dúvida se estabelecem decisivamente com a resposta invariável e monocórdica do Corvo: *Nevermore*. A interpelação do Corvo, sempre cercada pelo lamento, vai acompanhada de uma gradual exacerbação das emoções e, na penúltima estrofe, ele tenta (em vão) expulsá-lo. Isso é representado fonemicamente através de sons agudos e abertos, salientando a força ilocutória do grito (de ordem) para que o Corvo se retire do quarto e também liberte seu coração/mente: “take thy beak from out my heart”. No final do poema, o tópico da memória, traduzido pela impossibilidade de esquecimento da perda e do sofrimento, e pela impossibilidade de solucionar o mistério da morte, atinge seu ponto definitivo: a alma do poeta não será liberta jamais (nevermore) dessa memória.

A limitação do espaço nos obriga à síntese. Passemos, então, a tratar do léxico. Para o campo semântico do tópico da “morte/perda”, apresentaremos vários *flashes* lexicais. Alguns ligam-se referencialmente à morte: *Lost Lenore*, *ghost*, *Disaster*, *dying ember*. Outros vinculam-se ao tópico da morte predominantemente pela sua relação com o contexto (aqui do ponto de vista da imanência textual, ou seja a relação com outras palavras ou frases dentro do poema). Como exemplos que

se relacionam com o contexto, surgem as palavras que são utilizadas para criar a atmosfera lúgubre, o clima de terror, medo, tristeza, o “cenário” para o desenvolvimento do referido tópico: *midnight dreary, bleak December, nameless here for evermore, darkness* (escuridão: associada também à escuridão da dúvida), *mortals, raven of saintly days of yore, Night's Plutonian's shore, living human being, stillness, dirges, melancholy burden, sad soul, sad fancy, unhappy master, ominous bird of yore, velvet violet lining* (a cor fúnebre), *unseen censer, thing of evil, tempest, Tempter, desolate, desert land, home by horror haunted, devil, heaven, Aidenn, loneliness, demon, shadow*.

Também em relação estreita com o contexto estão as palavras empregadas para a constituição dos símbolos para os tópicos, por exemplo, o Corvo, como a ave dos maus presságios: “*this grim, ungainly, gastly, gaunt ominous bird of yore*”.

Há ainda um conjunto de palavras que se vinculam com os tópicos da morte, ou da memória, predominantemente pela sua relação com a situação (aqui, do ponto de vista da transcendência textual: a situação em que o texto é enunciado e/ou recebido). Os intertextos ilustram bem a relação do léxico com a situação. Na 7ª estrofe, temos, por exemplo, *Pallas Atenas*, a deusa grega do conhecimento. É pertinente comentar a importância desse intertexto em relação a Poe e o Romantismo. Uma das interpretações possíveis para a entrada do Corvo (e suas conotações, como, desespero, sofrimento) no quarto/alma do eu lírico-narrador é o estabelecimento de uma hierarquia de forças na embate entre a Razão (representada pela deusa grega do conhecimento) e o Sentimento ou Emoção (desespero sem alívio, representado pelo Corvo). Nesse embate, vence a Emoção, pois o Corvo se empoleira sobre o busto da divindade e de lá não mais se afasta.

Confirma-se a opinião crítica que considera Edgar Allan Poe como a epígrafe do Romantismo do ponto de vista temático, evidenciando-se isso pela análise textual feita neste trabalho: a forma de tratamento dada aos tópicos, no poema, é Romântica: o equilíbrio (diante do sofrimento) que adviria do uso da razão e do conhecimento (classificado como *forgotten lore* pelo narrador lírico), dá lugar ao desespero, nostalgia, melancolia e horror, abordados a partir do reino (irracional) do sonho e da lenda. Entretanto, Poe não é Romântico na materialização de sua temática, pois utiliza regras “mecânicas” e precisão formal para alcançar o efeito pretendido na forma clássica do soneto.

Outros intertextos utilizados no poema são:

Plutonian Shore: referência a Plutão – na mitologia romana – senhor do reino subterrâneo. Acreditava-se que, com seu carro, viesse ao mundo buscar as almas dos defuntos.

Is there, is there balm in Gilead? é bastante interessante como exemplo de relação do léxico com a situação em que o texto é enunciado, pois a referida expressão, além de ser uma das lamentações do Profeta Jeremias (Bíblia Sagrada – 8:22), também vincula-se a um comercial que havia na época de Edgar Allan Poe, e que se intitulava “Balm in Gilead”.

Nephente – é uma bebida legendaria que supostamente consolava desolados.

Though thy crest be shorn and shaven, thou, I said, art sure no craven, referência ao hábito de, às vezes, punir um cavaleiro covarde, raspando sua cabeça.

Com relação à questão do sonho, vemos no poema que a atmosfera lúgubre vincula-se a do sono/sonolência/sonho – condição essencial para o funcionamento do nível da fantasia, da imaginação criativa, responsáveis pela plurivocidade de conotações do poema. Nessa atmosfera do sono, dentro do quarto, todos os ruídos são abafados – em oposição à tempestade lá fora. A batida é anunciada como *as of someone gently rapping (...) at my chamber door*. E o narrador confessa que estava cochilando e mal ouviu-a. Há os verbos *muttered* e *murmured, whispered*, e na 14ª estrofe, a aliteração com *f* realça que o “tilintar” dos passos dos anjos que invadem o quarto do narrador é “abafado”:

(...)perfumed from na unseen censer

Swung by angels whose faint foot-falls tinkled on the tufted carpet.

O tom do “lamento”, preponderantemente marcado pela rima, aliteração e repetição, encontra nos referidos recursos, o meio de alcançar grande intensidade:

Eagerly I wished the morrow: vainly I had sought to borrow

From my books, surcease of sorrow – sorrow for the lost Lenore

(...)

Nameless here for evermore.

O lamento é ainda contrastado à vibração (aliás salientada pelo uso da aliteração com a vibrante *r* e as rimas internas) do narrador ao reportar-se à Lenore: *For the rare and radiant maiden whom the angels named Lenore*. Disso, principalmente, decorre o efeito da melancolia no poema: nada mais triste do que a morte de uma jovem mulher radiante e bela.

O tópico da “memória”(especificamente da impossibilidade do esquecimento da morte e conseqüente alívio do sofrimento) articula-se, no plano lexical, através de palavras e frases como: *once upon, forgotten lore, suddenly, I remember, for evermore, never felt before, presently, murmured back, nevermore*.

A utilização da repetição (principalmente dos refrões) serve majoritariamente à criação do tom do lamento (os refrões destacam os sons em *or*); serve ainda para delinear o tópico da memória (a cadência, ritmo e insistência dos refrões salientam a irreversibilidade da morte, a impossibilidade do esquecimento: é como se a realidade batesse sempre nessa mesma tecla). Conforme já registrado, isso aumenta a carga de melancolia no poema: a repetição do refrão *For the rare and radiant maiden* enfatiza o aspecto trágico da morte da bela mulher amada.

Passemos agora à avaliação das traduções do *corpus*, dentro dos objetivos propostos no início do trabalho. Desnecessário apresentar seus tradutores, pois estamos diante de trabalhos de Fernando Pessoa e Machado de Assis, os dois

magistrais escritores da língua portuguesa, e da produção de Milton Amado, que juntamente com Oscar Mendes, conhecido tradutor da prosa de Edgar Allan Poe, traduziu a obra poética de Poe, pela primeira vez editada pela Globo, de Porto Alegre, em 1943.

Como já afirmamos, buscaremos evidências textuais nas traduções que permitam classificá-las, ou não, como traduções homólogas ao original. Na medida do possível, apontaremos os momentos em que o tradutor imprimiu, em seu texto, apenas as marcas fenotextuais da sua recriação do texto, afastando-se das características que o autor do original lançou em seu fenotexto.

A tradução de autoria de **Milton Amado** apresenta o mesmo hipertexto e os tópicos dominante da morte e da memória. O tradutor utiliza aliterações, assonâncias, rimas internas e externas, mas em quantidade e qualidade inferiores ao que apresenta o texto-fonte. Por exemplo, Milton dilui a utilização do som sibilante em **s** (lembrando o vento), ao longo do trabalho, ao contrário de Poe que concentra sua utilização nas estrofes 3, 4, 6, 7, 11, 12 e 14. O efeito onomatopéico da tradução é mais reduzidos. Outro exemplo: a batida do coração do eu lírico-narrador não é tão marcada na tradução, pois o aumento de sua intensidade (no original contraste entre sons em **t** e **d**), é neutralizado pela vizinhança fônica com aliterações com a líquida **l**. Compare-se, pois:

Deep into that darkness peering, long I stood there wondering, fearing,
Doubting, dreaming dreams no mortals ever dared to dream before;

Com :

Sondei a noite erma e tranqüila, olhei-a fundo, a perquiri-la
Sonhando sonhos que ninguém, ninguém ousou sonhar iguais

Mas é nas escolhas lexicais que se fazem sentir os problemas mais significativos dessa tradução. Por exemplo: “a midnigh dreary” possibilita um maior número de conotações relativamente aos tópicos (morte e memória), tom e efeito alcançados no original, do que “à meia-noite erma”, cujo adjetivo restringe a interpretação (sentido: solitária).

Na estrofe 4, “escancarei então a porta” é uma escolha problemática. No poema, “I open wide the door” (abri completamente, abri de par em par) pode ser também metaforicamente interpretado como “abri completamente a porta da alma ou coração”. Desse modo “escancara” não é a melhor, pois ninguém escancara as portas do coração (a não ser que haja em mente algum efeito especial, como exagero, ironia etc).

Na estrofe 6, “conserva a alma, coração” engendra certa ambigüidade. O leitor precisa reler para se certificar de que o tradutor está se dirigindo ao próprio coração. Além disso, no original, o eu lírico-narrador não fala consigo mesmo; o que ele faz é descrever as sensações e sentimentos que experimentava.

Na estrofe 8, embora Milton Amado seja o único tradutor – dentre os que estamos analisando – que conservou o intertexto relativo à covardia, no contexto do

poema, “não tens pavor” não é exatamente equivalente a “não és covarde”, ou “não tens medo”.

A utilização de palavras como “ritornelo”, “coxim”, “turibilários”, “precita” e “guante”, nas estrofes 11, 12, 14, 15 e 16 respectivamente, prejudica o fluxo da leitura e a compreensão do poema, pois são palavras de uso reduzido, sem pistas contextuais para seu perfeito entendimento e cujo significado só é acessível para a maioria dos leitores, através do uso do dicionário.

Perde-se, no texto traduzido, a referência a Plutão e às decorrentes conotações.

A ausência de uma expressão equivalente para o refrão “*For the rare and radiant maiden whom the angels named Lenore*” e, conseqüentemente, a ausência da repetição desse conteúdo na tradução, coloca em segundo plano a caracterização da figura da mulher jovem, amada e morta, diminui o grau de melancolia no poema e assim prejudica sensivelmente o tratamento dos tópicos e do próprio hipertema.

A nosso ver, o ponto forte da tradução de Milton Amado está na alteração que faz na métrica. Ao contrário de Poe, que utiliza os dois heptassílabos independentes, Milton opta pelo octossílabo e consegue, com apreciável maestria, o encadeamento melancólico em nossa língua, de modo a produzir o mesmo tom solene do verso derramado e amplo do original.

De nosso ponto de vista, **Fernando Pessoa** é muito mais hábil do que Milton Amado na utilização dos recursos da aliteração, assonância e rima interna. As estrofes de 1 a 6 ilustram o efeito musical rítmico que a incidência reiterada de fonemas consonantais e rimas internas ricas produz no texto da sua tradução, criando, ao trabalhar os tópicos da morte e memória, uma equivalência mais próxima do sentido original.

Sua rima externa é *misturada* e guarda semelhança maior com Poe, quando insiste na mesma terminação para os versos 2, 3, 4 e 5 na quase maioria das estrofes do poema. Também adota, como Poe, o verso longo composto de dois heptassílabos independentes.

Fernando Pessoa igualmente omite referências intertextuais, deixando de fora do seu texto a menção ao deus Plutão e à bebida “nepente”, embora traduza, em parte, o sentido dessas referências. Para a primeira, o grande poeta português escolhe a expressão “trevas infernais” e, para a segunda, “toma o esquecimento”. Na 8ª estrofe, obliquamente alude ao intertexto do original “*Though thy crest be shorn and shaven (...)*”, já comentado, escolhendo: “tens o aspecto tosquiado (...) mas de nobre e ousado”.

Embora seu texto seja anterior ao de Milton Amado, Pessoa utiliza um léxico [+padrão], evitando expressões de uso muito restrito. Por exemplo, para evitar o emprego de “turibilários”, ou algo assim, Pessoa escreve:

Que anjos dessem, cujos leves passos soam musicais

Mas a virtude maior de Fernando Pessoa ao traduzir *The Raven* é imprimir no texto da tradução uma carga poética muito próxima à carga poética dos refrões de Poe. A repetição de palavras e frases inteiras estabelece a cadência do poema traduzido e serve muito bem à tarefa da construção do tom de lamento e melancolia, relacionados aos tópicos centrais da morte e da memória. Essas repetições têm, igualmente, a importante função de marcar a “narração” dos “fatos” da “história” do poema, que são exteriores à manifestação das sensações experimentadas pelo eu lírico do narrador. As repetições têm o papel, não menos importante, de salientar o conteúdo das indagações que esse narrador dirige ao Corvo e que são fundamentais para a constituição dos tópicos referidos.

Ainda que, ao longo do texto traduzido, Pessoa repita algumas vezes a expressão [está] “entre hostes celestiais” – referindo-se à figura de Lenore, ele não mantém a referência aos traços de “mulher jovem, bela e singular, colhida pela morte”, que já conhecemos do original.

Na tradução de **Machado de Assis**, os tópicos da morte e da memória também estão centralmente contemplados. Entretanto, as modificações introduzidas por Machado – ainda que pertinentes, do ponto de vista de Flores da Cunha (1998) – criam efeitos que afetam a produção do sentido em relação ao texto original.

Em primeiro lugar, Machado “explode” a estrofe de seis versos, alargando-se para dez. Utilizando uma métrica bastante variada em cada verso, ele retira, da tradução, o caráter grave e solene que o poema apresenta no original, a que já aludimos ao comentar a tradução feita por Milton Amado. Tal prática igualmente prejudica o tom do lamento no poema, diminuindo a densidade dos sentimentos de melancolia e medo que são significativamente marcados, no texto-fonte, pelo contraste entre os versos longos, e os versos curtos do refrão.

Relativamente à materialidade sonora, Machado de Assis reduz bastante o número de assonâncias e são raras as aliterações. Por exemplo, a tradução machadiana abandona a reprodução dos sons onomatopéicos do vento em **f** e **s**. Machado adota o uso de rimas *emparelhadas e alternadas* e dilui completamente a força do refrão, optando por uma composição lexical muito variada do último verso de cada estrofe (o heptassílabo simples no original) que ocuparia o lugar do refrão, só mantendo, inalterada, a repetição de “nunca mais” (para “nevermore”) a partir da 14ª estrofe.

Com relação à sintaxe, Machado de Assis abusa do emprego do hipérbato (inversão da ordem natural das palavras na oração, ou da oração no período), o que interrompe o fluxo da leitura, trunca o ritmo do poema e, conseqüentemente, afeta aquelas funções e efeitos que dependem dessa figura de linguagem e que já foram várias vezes mencionadas neste trabalho.

Alguns problemas do referido tradutor com a escolha do léxico também trazem prejuízos à equivalência de sentido entre o original e o texto traduzido. Na primeira estrofe, por exemplo, “batida” vira “soar devagarinho” que, juntamente com a expressão “de mansinho”, atenuam, no texto alvo, o efeito de expectativa

mesclada a receio em relação ao provável visitante, que Poe busca criar no leitor do texto original.

Na segunda estrofe, a palavra “lar” agrega conotações inexistentes no texto-fonte, já que é uma palavra que não está contextualmente relacionada a nenhum dos campos semânticos dos tópicos e símbolos dominantes no poema. O espaço referido é o quarto/alma do eu lírico, caracterizado pela terrível solidão, a qual se abranda diante das conotações produzidas pelo acréscimo inadequado de “lar”.

Também, a nosso ver, um acréscimo desnecessário é a utilização da palavra “sol”, na 2ª estrofe, a irradiar uma luminosidade estranha à atmosfera do poema. O que o eu lírico deseja é o “amanhã” e não, o “sol”.

Na terceira estrofe, a contaminação de sentido, pela ambigüidade contemporânea do significado de “retardadas” quebra o clima de expectativa do leitor. (*Retardado*, em psiquiatria, diz respeito à pessoa cujo desenvolvimento mental é inferior ao índice normal para a sua idade).

Na 12ª estrofe, a qualificação do Corvo como “rudo” [rude], produz um acréscimo de sentido também inadequado, uma vez que para ser rude, é preciso entrar em relação com alguém; “rude” descaracteriza, portanto, o cunho de frieza, distanciamento, impessoalidade, do Corvo no texto original. Há outros casos de escolha lexical problemática que deverão ser comentados em outra oportunidade.

No que diz respeito ao tratamento da intertextualidade, verifica-se que Machado de Assis não manteve no texto de sua tradução nenhum dos intertextos do original.

Finda a breve explanação da análise textual empreendida neste trabalho, resta sintetizar algumas conclusões.

1. Os problemas com a escolha do léxico que foram apontados, principalmente na tradução feita por Machado de Assis, nos levam a confirmar alguns conhecimentos intuitivos sobre problemas e limites da traduzibilidade do texto literário. No caso das decisões a respeito do léxico, avulta a importância da atenção que deve ser dada ao contexto (aqui tomado como o encadeamento ordenado de constituintes textuais). O contexto deve funcionar como um filtro para a seleção e a combinação das palavras. Do contrário, haverá prejuízo para a consistência textual, o que, em última análise, causa embaraços para o desenvolvimento dos tópicos textuais, lesando significativamente a construção, no texto alvo, do sentido homólogo ao do original.
2. Atenção igualmente especial deve ser concedida ao manejo da intertextualidade, um dos elementos fundamentais para a construção da estrutura profunda. Avaliar a relação do intertexto com a situação (de enunciação e recepção), como visto, é indispensável. Nos casos referidos nesta análise, a omissão completa ou parcial de referência aos intertextos causa danos à constituição dos tópicos centrais do poema, pois na recepção do texto, a estrutura profunda é construída progressivamente pelo leitor que, como registra Schmidt (1977: 165), *efetua generalizações a partir de fatores semânticos da sequência frásica e traduz esses fatores em categorias da macroestrutura*.

3. É importante proceder à análise textual do texto-fonte, para que se possa identificar-lhe a sua estrutura profunda, pois, lembrando uma vez mais o que diz Schmidt (1977: 165), *tanto no nível da produção, como no da recepção do texto, a estrutura profunda opera a redução da informação subjetiva que pode trazer o texto*. Verificou-se que essa operação de identificação pode ser um critério regulador confiável e científico para nortear a tarefa do tradutor que busca fugir do “vale tudo” na tradução. Portanto a análise pode ser uma correta abordagem, útil ao tradutor e ao crítico da tradução.
4. Nesse sentido, a presente investigação aponta para a necessidade imperiosa que tem o tradutor e o estudioso crítico da tradução de tomar conhecimento das diferentes teorias da tradução, ou, melhor ainda, de testá-las, sendo preciso, para isso, integrar conhecimentos interdisciplinares. Essa é a direção que proponho para lidarmos com maior segurança, critério e arte esse fenômeno tão complexo e, por isso mesmo, fascinante, que é o da tradução.

BIBLIOGRAFIA

- BÍBLIA SAGRADA. Porto Alegre: Paulinas, 1993.
- FLORES DA CUNHA, Patrícia L. *Machado de Assis: um escritor na capital dos trópicos*. Porto Alegre: IEL: Editora Unisinos, 1998.
- KRISTEVA, Julia. *Introdução à Semanálise*. Tradução de Lúcia Helena F. Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- . *La révolution du langage poétique*, Paris: Seuil, 1974.
- LARANJEIRA, Mário. A Tradução Literária. In: *Miscelânea – Revista do Pós-Graduação em Letras* (Fac. de Ciências e Letras de Assis). Assis: UNESP, v.3, 1998, p.159-168.
- MENDES, Eliana A. de M. Pós-Modernidade e Tradução. In: *Miscelânea – Revista do Pós-Graduação em Letras* (Fac. de Ciências e Letras de Assis). Assis: UNESP, v.3, 1998, p.169-174.
- POE, Edgar A. The Raven. In: Lauter, Paul (org.). *The Heath anthology of American Literature*. Lexington: D. C. Heath and Company, 1994.
- . *Ficção Completa, Poesia e Ensaio*. Organizado, traduzido e anotado por Oscar Mendes e Milton Amado. Rio de Janeiro: Aguilar, 1965
- RODRIGUES, Sara V. Os Limiares da Crítica da Tradução na Pós-Modernidade. In: Carvalhal, Tania F.(org.). *Culturas, Contextos, Discursos – Limiares Críticos no Comparatismo*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999.
- SHMIDT, Siegfried J. Teoria e Prática de Um Estudo Científico da Narrativa Literária. In: *Simiótica Narrativa e Textual*. São Paulo: Editora da USP, 1977.

ANEXOS

THE RAVEN

Edgar Allan Poe

Once upon a midnight dreary, while I pondered, weak and weary, 1
Over many a quaint and curious volume of forgotten lore,
While I nodded, nearly napping, suddenly there came a tapping,
As of some one gently rapping, rapping at my chamber door.
“Tis some visitor”, I muttered, “tapping at my chamber door –
Only this and nothing more”.

Ah, distinctly I remember it was in the bleak December, 2
And each separate dying ember wrought its ghost upon the floor.
Eagerly I wished the morrow; – vainly I had sought to borrow
From my books surcease of sorrow – sorrow for the lost Lenore –
For the rare and radiant maiden whom the angels named Lenore –
Nameless here for evermore.

And the silken sad uncertain rustling of each purple curtain 3
Thrilled me – filled me with fantastic terrors never felt before;
So that now, to still the beating of my heart, I stood repeating,
“Tis some visitor entreating entrance at my chamber door –
some late visitor entreating entrance at my chamber door; –
This it is and nothing more.”

Presently my soul grew stronger; hesitating then no longer, 4
“Sir,” said I, “or Madam, truly your forgiveness I implore;
but the fact is I was napping, and so gently you came rapping,
And so faintly you came tapping, tapping at my chamber door,
That I scarce was sure I heard you” – here I opened wide the door; –
Darkness there, and nothing more.

Deep into that darkness peering, long I stood there wondering, fearing, 5
Doubting, dreaming dreams no mortals ever dared to dream before;
But the silence was unbroken, and the stillness gave no token,
And the only word there spoken was the whispered word, “Lenore!” –
This I whispered, and no echo murmured back the word, “Lenore!” –
Merely this and nothing more.

Back into the chamber turning, all my soul within me burning, 6
Soon again I heard a tapping somewhat louder than before.

"Suely", said I, "surely that is something at my window lattice;
Let me see, then, what thereat is, and this mystery explore, -
Let my heart be still a moment and this mystery explore -
 'Tis the wind and nothing more."

Open here i flung the shutter, when, with many a flirt and flutter, 7
In there stepped a stately Raven of the saintly days of yore.
Not the least obeisance made he, not a minute stopped or stayed he,
But, with mien of lord or lady perched above my chamber door –
Perched upon a bust of Pallas just above my chamber door –
Perched and sat, and nothing more.

Then, this ebony bird beguiling my sad fancy into smiling,
By the grave and stern decorum of the countenance it wore,
"Though thy crest be shorn and shaven, thou", I said, "art sure no craven,
Ghastly, grim, and ancient Raven, wandering from the nightly shore:
Tell me what thy lordly name is on the Night's Plutonian shore!"
Quoth the Raven, "Nevermore".

Much I marvelled this ungainly fowl to hear discourse so plainly,
Though its answer little meaning, little relevancy bore;
For we cannot help agreeing that no living human being
Ever yet was blessed with seeing bird above his chamber door –
Bird or beast upon the sculptured bust above his chamber door –
With such name as “Nevermore”.

But the Raven, sitting lonely on that placid bust, spoke only
That one word, as if his soul in that one word he did outpour.
Nothing farther then he uttered, not a feather then he fluttered;
Till I scarcely more than muttered, "Other friends have flown before:
On the morrow he will leave me, as my Hopes have flown before."
Then the bird said, "Nevermore!"

Startled at the stillness broken by reply so aptly spoken, 11
 "Doubtless", said I, "what it utters is its only stock and store,
 Caught from some unhappy master whom unmerciful Disaster
 Followed fast and followed faster till his songs one burden bore,
 Till the dirges of his Hope that melancholy burden bore
 Of 'Never – nevermore'."

But the Raven still beguiling all my sad soul into smiling,
Straight I wheeled a cushioned seat in front of bird and bust and door;
Then, upon the velvet sinking, I betook myself to linking
Fancy unto fancy, thinking what this ominous bird of yore,
What this grim, ungainly, ghastly, gaunt, and ominous bird of yore
Meant in croaking "Nevermore".

This I sat engaged in guessing, but no syllable expressing
To the fowl, whose fiery ayes now burned into my "boston's" core;
This and more I sat divining, with my head at ease reclining
On the cushion's velvet lining that the lamplight gloated o'er,
But whose velvet violet lining with the lamplight gloating o'er,
She shall press, ah, nevermore!

Then, methought, the air grew denser, perfumed from an unseen censer 14
Swung by seraphim whose foot-falls tinkled on the tufted floor.
"Wretch", I cried, "thy God hath lent thee – by these angels he hath sent thee
Respite – respite and nepenthe from thy memories of Lenore!
Quaff, oh quaff this kind nepenthe, and forget this lost Lenore!"
Quoth the raven, "Nevermore".

"Prophet!", said I, "thing of evil! – prophet still, if bird of devil! – 15
 Whether Tempter sent, or whether tempest tossed thee here ashore,
 Desolate yet all undaunted, on this desert land enchanted –
 On this home by Horror haunted – tell me truly, I implore:
 Is there – is there balm in Gilead? – tell me – tell me, I implore!:
 Quoth the raven, "Nevermore".

“Prophet!”, said I, “thing of evil! – prophet still, if bird of devil!
By that Heaven that bends above us, by that God we both adore,
Tell this soul with sorrow laden if, within the distant Aidenn,
It shall clasp a sainted maiden whom the angels name Lenore:
Clasp a rare and radiant maiden whom the angels name Lenore.”
Quot the raven. “Nevermore.”

“Be that word our sign of parting, bird or fiend!” I shrieked, upstarting: 17
 “Get thee back into the tempest and the Night’s Plutonian shore!
 Leave no blak plume as a token of that lie thy soul hath spoken!
 Leave my loneliness unbroken! Quit the bust above my door!
 Take thy beak from ot my heart, and take thy form from off my door!”
 Quot the raven. “Nevermore.”

And the Raven, never flitting, still is sitting, still is sitting 18
On the pallid bust of Pallas just above my chamber door;
And his eyes have all the seeming of a demon's that is dreaming,
And the lamplight o'er him straming throws his shadow on the floor;
And my soul from out that shadow that lies floating on the floor
Shall be lifted – nevermore!

O CORVO

(Edgar Allan Poe)
Fernando Pessoa

1
 Numa meia-noite agreste, quando eu lia, lento e triste,
 Vagos curiosos tomos de ciências ancestrais,
 E já quase adormecia, ouvi o que parecia
 O som de alguém que batia levemente a meus umbrais.
 “Uma visita”, eu me disse, “está batendo a meus umbrais.
 É só isto, e nada mais”.

2
 Ah, que bem disso me lembro! Era no frio Dezembro
 E o fogo, morrendo negro, urdia sombras desiguais.
 Como eu qu’ria a madrugada, toda a noite aos livros dada
 P’ra esquecer (em vão!) a amada, hoje entre hostes celestiais –
 Essa cujo nome sabem as hostes celestiais,
 Mas em nome aqui jamais!

3
 Como, a tremer frio e frouxo, cada reposteiro roxo
 Me incutia, urdia estranhos terrores nunca antes tais!
 Mas, a mim mesmo infundindo força, eu ia repetindo:
 “É uma visita pedindo entrada aqui em meus umbrais;
 Uma visita tardia pede entrada em meus umbrais.
 É só isto, e nada mais.”

4
 E, mais forte num instante, já nem tardo ou hesitante,
 “Senhor”, eu disse, “ou senhora, de certo me desculpais;
 Mas eu ia adormecendo, quando viestes batendo
 Tão levemente, batendo, batendo por meus umbrais,
 Que mal ouvi...” E abri largos, franqueando-os, meus umbrais.
 Noite, noite e nada mais.

5
 A treva enorme fitando, fiquei perdido receando,
 Dúbio e tais sonhos sonhando que os ninguém sonhou iguais.
 Mas a noite era infinita, a paz profunda e maldita,
 E a única palavra dita foi um nome cheio de ais –
 Eu o disse, o nome *dela*, e o eco disse os meus ais.
 Isto só e nada mais.

6
 Para dentro então volvendo, toda a alma em mim ardendo,
 Não tardou que ouvisse novo som batendo mais e mais.
 “Por certo”, disse eu, “aquela bulha é na minha janela.
 Vamos ver o que está nela, e o que são estes sinais.
 Meu coração se distraia pesquisando estes sinais.
 É o vento, e nada mais.”

7
 Abri então a vidraça, e eis que, com muita negaça,
 Entrou grave e nobre um Corvo dos bons tempos ancestrais.
 Não fez nenhum cumprimento, não parou nenhum momento,
 Mas com o ar sereno e lento pousou sobre os meus umbrais,
 Num alvo busto de Atena que há por sobre os meus umbrais,

Foi, pousou, e nada mais.

8
 E esta ave estranha e escura fez sorrir minha amargura
 Com o solene decoro de seus ares rituais,
 “Tens o aspecto tosquiado”, disse eu, “mas de nobre e ousado,
 Ó velho Corvo emigrado lá das trevas infernais!
 Dize-me qual o teu nome lá nas trevas infernais.”
 Disse o Corvo, “Nunca mais”.

9
 Pasmei de ouvir este raro pássaro falar tão claro,
 Inda que pouco sentido tivessem palavras tais.
 Mas deve ser concedido que ninguém terá havido
 Que uma ave tenha tido pousada nos meus umbrais,
 Ave ou bicho sobre o busto que há por sobre seus umbrais,
 Com nome “Nunca mais”.

10
 Mas o Corvo, sobre o busto, nada mais dissera, agosto,
 Que esta frase, qual se nela a alma lhe ficasse em ais.
 Nem mais voz nem movimento fez, e eu, em meu pensamento,
 Perdido murmurei lento. “Amigos, sonhos – mortais
 Todos – todos já se foram. Amanhã também te vais”.
 Disse o Corvo, “Nunca mais”.

11
 A alma súbito movida por frase tão bem cabida,
 “Por certo”, disse eu, “são estas suas vozes usuais.
 Apreendeu-as de algum dono, que a desgraça e o abandono
 Seguiram até que o entono da alma se quebrou em ais,
 E o bordão de desesperança de seu canto cheio de ais
 Era este “Nunca mais”.

12
 Mas, fazendo inda a ave escura sorrir a minha amargura,
 Sentei-me defronte dela, do alvo busto e meus umbrais;
 E, enterrado na cadeira, pensei de muita maneira
 Que qu’ria esta ave agoureira dos maus tempos ancestrais,
 Esta ave negra e agoureira dos maus tempos ancestrais,
 Com aquele “Nunca mais”.

13
 Comigo isto discorrendo, mas nem sílaba dizendo
 À ave que na minha alma cravava os olhos fatais,
 Isto e mais ia cismando, a cabeça reclinando
 No veludo onde a luz punha vagas sombras desiguais,
 Naquele veludo onde *ela*, entre as sombras desiguais,
 Reclinar-se-á nunca mais!

14
 Fez-se então o ar mais denso, como cheio dum incenso
 Que anjos dessem, cujos leves passos soam musicais.
 “Maldito”, a mim disse, “deu-te Deus, por anjos concedeu-te

O esquecimento; valeu-te. Toma-o, esquece, com teus ais,
O nome da que não esqueces, e que faz esses teus ais!”
Disse o Corvo, “Nunca mais”.

“Profeta”, disse eu, “profeta – ou demônio ou ave preta! –
fosse diabo ou tempestade quem te trouxe a meus umbrais,
A este luto e este degredo, e esta noite e este segredo
A esta casa de ânsia e medo, dize a esta alma a quem atraís
Se há um bálsamo longínquo para esta alma a quem atraís!”
Disse o Corvo, “Nunca mais”.

“Profeta”, disse eu, “profeta – ou demônio ou ave preta! –
Pelo Deus ante quem ambos somos fracos e mortais,
Dize a esta alma entristecida, se o Éden de outra vida,
Verá essa hoje perdida entre hostes celestiais,
Essa cujo nome sabem as hostes celestiais!”
Disse o Corvo, “Nunca mais”.

“Que esse grito nos aparte, ave ou diabo!”, eu disse. “Parte!
Torna à noite e à tempestade! Torna às trevas infernais!
Não deixes pena que ateste a mentira que disseste!
Minha solidão me reste! tira-te de meus umbrais!
Tira o vulto de meu peito e a sombra de meus umbrais!”
Disse o Corvo, “Nunca mais”.

E o Corvo, na noite infinda, está ainda, está ainda,
No alvo busto de Atena que há por sobre os meus umbrais.
Seu olhar tem a medonha dor de um demônio que sonha,
E a luz lança-lhe a tristonha sombra no chão mais e mais.
E a minh'alma dessa sombra que no chão há mais e mais,
Libertar-se-á... nunca mais!

O CORVO

(Edgar Allan Poe)
Machado de Assis

Em certo dia, à hora, à hora
Da meia-noite que apavora,
Eu caindo de sono e exausto de fadiga,
Ao pé de muita lauda antiga,
De uma velha doutrina, agora morta,
Ia pensando, quando ouvi à porta
Do meu quarto um soar devagarinho
E disse estas palavras tais:

“É alguém que me bate à porta de mansinho;
Há de ser isso e nada mais.”

Ah! bem me lembro! bem me lembro!
Era o glacial dezembro;
Cada brasa do lar sobre o chão refletia
A sua última agonia.
Eu, ansioso pelo sol, buscava
Sacar daqueles livros que estudava
Repouso (em vão!) à dor esmagadora
Destas saudades imortais
Pela que ora nos céus anjos chamam Lenora,
E que ninguém chamará jamais.

E o rumor triste, vago, brando,
Das cortinas ia acordando
Dentro em meu coração um rumor não sabido
Nunca por ele padecido.
Enfim, por aplacá-lo aqui no peito,
Levantei-me de pronto e: “Com efeito
(Disse) é visita amiga e retardada
Que bate a estas horas tais.
É visita que pede à minha porta entrada:
Há de ser isso e nada mais.”

Minh'alma então sentiu-se forte;
Não mais vacilo e desta sorte
Falo: “Imploro de vós – ou senhor ou senhora –
Me desculpeis tanta demora.
Mas como eu, precisando de descanso,
Já cochilava, e tão de manso e manso
Batestes, não fui logo prestemente,
Certificar-me que aí estais”.
Disse: a porta escancaro, acho a noite somente,
Somente a noite, e nada mais.

Com longo olhar escruto a sombra,
Que me amedronta, que me assombra,
E sonho o que nenhum mortal há já sonhado,
Mas o silêncio amplo e calado,
Calado fica; a quietação quieta:
Só tu, palavra única e diletta,
Lenora, tu como um suspiro escasso,
Da minha triste boca saís;
E o eco, que te ouviu, murmurou-te no espaço;
Foi isso apenas, nada mais.

Soa um pouco mais forte; eu, voltando-me a ela:
 “Seguramente, há na janela
 Alguma coisa que sussurra. Abram os.
 Eia, fora o temor, eia, vejamos
 A explicação do caso misterioso
 Dessas duas pancadas tais.
 Devolvamos a paz ao coração medroso.
 Obra do vento e nada mais.”

Abro a janela e, de repente,
 Vejo tumultuosamente
 Um nobre Corvo entrar, digno de antigos dias.
 Não despendeu em cortesias
 Um minuto, um instante. Tinha o aspecto
 De um *lord* ou de uma *lady*. E pronto e reto
 Movendo no ar as suas negras alas.
 Acima voa dos portais,
 Trepou, no alto da porta, em um busto de Palas;
 Trepado fica, e nada mais.

Diante da ave feia e escura,
 Naquela rígida postura,
 Com o gesto severo – o triste pensamento
 Sorriu-me ali por um momento,
 E eu disse: “Ó tu que das noturnas plagas
 Vens, embora a cabeça nua tragas,
 Sem topete, não és ave medrosa,
 Dize os teus nomes senhoriais:
 Como te chamas tu na grande noite umbrosa?”
 E o Corvo disse: “Nunca mais.”

Vendo que o pássaro entendia
 A pergunta que lhe eu fazia,
 Fico atônito, embora a resposta que dera
 Dificilmente lhe entendera.
 Na verdade, jamais homem há visto
 Coisa na terra semelhante a isto:
 Uma ave negra, friamente posta,
 Num busto, acima dos portais,
 Ouvir uma pergunta e dizer em resposta
 Que este é o seu nome: “Nunca mais.”

No entanto, o Corvo solitário
 Não teve outro vocabulário,
 Como se essa palavra escassa que ali disse
 Toda sua alma resumisse.
 Nenhuma outra proferiu, nenhuma,

6

7

8

9

10

Não chegou a mexer uma só pluma,
 Até que eu murmurei: “Perdi outrora
 Tantos amigos leais!
 Perderei também este em regressando a aurora.”
 E o Corvo disse: “Nunca mais.”

Estremeço. A resposta ouvida
 É tão exata! é tão cabida!
 “Certamente, digo eu, essa é toda a ciência
 Que ele trouxe da convivência
 De algum mestre infeliz e acabrunhado
 Que o implacável destino há castigado
 Tão tenaz, tão sem pausa, nem fadiga,
 Que dos seus cantos usuais
 Só lhe ficou, na amarga e última cantiga,
 Esse estribilho: “Nunca mais.”

Segunda vez, nesse momento,
 Sorriu-me o triste pensamento;
 Vou sentar-me defronte ao Corvo magro e rudo;
 E mergulhando no veludo
 Da poltrona que eu mesmo ali trouxera
 Achar procuro a lúgubre quimera.
 A alma, o sentido, o pálido segredo
 daquelas sílabas fatais,
 Entender o que quis dizer a ave do medo
 Grasnando a frase: “Nunca mais.”

Assim, posto, devaneando,
 Meditando, conjecturando,
 Não lhe falava mais; mas, se lhe não falava,
 Sentia o olhar que me abrasava,
 Conjecturando fui, tranqüilo, a gosto,
 Com a cabeça no macio encosto,
 Onde os raios da lâmpada caíam,
 Onde as tranças angelicais
 De outra cabeça outrora ali se desparziam,
 E agora não se esparzem mais.

Supus então que o ar, mais denso,
 Todo se enchia de um incenso.
 Obra de serafins que, pelo chão roçando
 Do quarto, estavam meneando
 Um ligeiro turbulo invisível;
 E eu exclamei então: “Um Deus sensível
 Manda repouso à dor que te devora
 Destas saudades imortais.

11

12

13

14

Eia, esquece, eia, olvida essa extinta Lenora.”
E o Corvo disse: “Nunca mais.”

“Profeta, ou o que quer que sejas!
Ave ou demônio que negrejas!
Profeta sempre, escuta: Ou venhas tu do inferno
Onde reside o mal eterno,
Ou simplesmente náufrago escapado
Venhas do temporal que te há lançado
Nesta casa onde o Horror, o Horror profundo
Tem os seus lares triunfais,
Dize-me: “Existe acaso um bálsamo no mundo?”
E o Corvo disse: “Nunca mais.”

“Profeta, ou o que quer que sejas!
Ave ou demônio que negrejas!
Profeta sempre, escuta, atende, escuta, atende!
Por esse céu que além se estende,
Pelo Deus que ambos adoramos, fala,
Dize a esta alma se é dado inda escutá-la
No Éden celeste a virgem que ela chora
Nestes retiros sepulcrais.
Essa que ora nos céus anjos chamam Lenora!”
E o Corvo disse: “Nunca mais.”

“Ave ou demônio que negrejas!
Profeta, ou o que quer que sejas!
Cessa, ai, cessa!, clamei, levantando-me, cessa!
Regressa ao temporal, regressa
À tua noite, deixa-me comigo.
Vai-te, não fique no meu castro abrigo
Pluma que lembre essa mentira tua,
Tira-me ao peito essas fatais
Garras que abrindo vão a minha dor já crua.”
E o Corvo disse: “Nunca mais.”

E o Corvo aí fica; ei-lo trepado
No branco mármore lavrado
Da antiga Palas; ei-lo imutável, ferrenho.
Parece, ao ver-lhe o duro cenho,
Um demônio sonhando. A luz caída
Do lampião sobre a ave aborrecida
No chão espraia a triste sombra; e fora
Daquelas linhas funerais
Que flutuam no chão, a minha alma que chora
Não mais, nunca, nunca mais!

15

16

17

18

O CORVO

(Edgar Allan Poe)
Milton Amado

Foi uma vez: refletia, à meia-noite erma e sombria,
A ler doutrinas de outro tempo em curiosíssimos manuais,
E, exausto, quase adormecido, ouvi de súbito um ruído,
Tal qual se houvesse alguém batido à minha porta, devagar;
“É alguém” – fiquei a murmurar – “que bate à porta, devagar;
sim, é só isso e nada mais.”

1

Ah! claramente eu o relembro! Era no gélido Dezembro
E o jogo, agônico, animava o chão de sombras fantasmais.
Ansiando ver a noite finda, em vão, a ler, buscava ainda
Algun remédio à amarga, infinda, atroz saudade de Lenora
- essa, mais bela do que a aurora, a quem nos céus chamam Lenora
e nome aqui já não tem mais.

2

A seda rubra da cortina arjava em lúgubre surdina,
Arrepiando-me e evocando ignotos medos sepulcrais.
De susto, em pávida arritmia, o coração veloz batia
E a sossegá-lo repetia: “É um visitante e pede abrigo.
Chegando tarde, algum amigo está a bater e pede abrigo.
É apenas isso e nada mais.

3

Ergui-me após e, calmo enfim, sem hesitar, falei assim:
“Perdoai, senhora, o meu senhor, se há muito aí fora me esperais;
mas é que estava adormecido e foi tão débil o batido,
que eu mal podia ter ouvido alguém chamar à minha porta,
assim de leve, em hora morta.” Escancarei então a porta:
escuridão e nada mais.

4

Sondei a noite erma e tranqüila, olhei-a fundo, a perquiri-la,
Sonhando sonhos que ninguém, ninguém ousou sonhar iguais.
Estarrecido de ânsia e medo, ante o negror imoto e quedo,
Só um nome ouvi (quase em segredo eu o dizia) e foi: “Lenora!”
E o eco, em voz evocadora, o repetiu também: “Lenora!”
Depois, silêncio e nada mais.

5

Com a calma em febre, eu novamente entrei no quarto e, de repente,
Mais forte, o ruído recomeça e repercute nos vitrais.
“É na janela” - penso então. “ - Por que agitar-me de aflição?
Conserva a calma, coração! É na janela, onde, agourento,

6

O vento sopra. É só do vento esse rumor surdo e agourento.
É o vento só e nada mais.

Abro a janela e eis que, o tumulto, a esvoaçar, penetra um vulto:
— é um Corvo hierático e soberbo, egresso de eras ancestrais.
Como um fidalgo passa, augusto, e, sem notar sequer meu susto,
Adeja e pousa sobre o busto — uma escultura de Minerva,
Bem sobre a porta; e se conserva ali, no busto de Minerva,
Empoleirado e nada mais.

Ao ver da ave austera e escura a soleníssima figura,
Desperta em mim um leve riso, a distrair-me de meus ais.
“Sem crista embora, ó Corvo antigo singular” — então lhe digo —
“não tens pavor. Fala comigo, alma da noite, espectro torvo,
qual é teu nome, ó nobre Corvo, o nome teu no inferno torvo!”
E o Corvo disse: “Nunca mais”.

Maravilhou-me que falasse uma ave rude dessa classe,
Misteriosa esfinge negra, a retorquir-me em termos tais;
pois nunca soube de vivente algum, outrora ou no presente,
uma ave (ou fera, pouco importa), empoleirada em sua porta
e que se chama “Nunca mais”.

Diversa coisa não dizia, ali pousada, a ave sombria,
Com alma inteira a se espelhar naquelas sílabas fatais.
Murmuro, então, vendo-a serena e sem morrer uma só pena,
Enquanto a mágoa me envenena: “Amigos... sempre vão se embora.

Com a esperança, ao vir aurora, ELE também há de ir-se embora.”
E disse o Corvo: “Nunca mais”.

Vara o silêncio, com tal nexo, essa resposta que, perplexo,
Julgo: “É só isso o que ele diz; duas palavras sempre iguais.
Soube-as de um dono a quem tortura uma implacável desventura
E a quem, repleto de amargura, apenas resta um ritornelo
De seu cantor; do morto anelo, um epitáfio: - o ritornelo
De “Nunca, nunca, nunca mais”.

Como ainda o Corvo me mudasse em um sorriso a triste face,
Girei então a poltrona, em frente ao busto, à ave, aos meus umbrais,
E, mergulhando no coxim, pus-me a inquirir (pois, para mim,
visava a algum secreto fim) que pretendia o antigo Corvo,
com que intenções, horrendo, torvo, esse ominoso e antigo Corvo
grasnava sempre: “Nunca mais”.

Sentindo da ave, incandescente, o olhar queimar-me fixamente,
Eu me abismava, absorto e mudo, em deduções conjeturais.

Cismava, a fronte reclinada, a descansar, sobre a almojada
Dessa poltrona aveludada em que a luz cai suavemente,
Dessa poltrona em que ELA, ausente, à luz que cai suavemente,
Já não repousa, ah! nunca mais...

O ar pareceu-me então mais denso e perfumado, qual se incenso
Ali descessem a esparzir turbilários celestiais.
“Mísero!” — exclamo — Enfim teu Deus te dá, mandando os anjos seus
esquecimentos, lá dos céus, para as saudades de Lenora.
Sorve os nepentes. Sorve-o, agora! Esquece, olvida essa Lenora!
E o Corvo disse: “Nunca mais”.

“Profeta!” — brado. — “Ó ser do mal! Profeta sempre, ave infernal
que o Tentador lançou do abismo, ou que arrojam temporais,
de algum naufrágio, a esta maldita e estéril terra, a esta precita
mansão de horror, que o horror habita — imploro, dize-mo, em verdade:
“EXISTE um bálsamo em Galaad? Imploro! Dize-mo, em veredade!”
E o Corvo disse: “Nunca mais”.

“Profeta!” — exclamo. — “Ó ser do mal! Profeta sempre, ave infernal
Pelo alto céu, por esse Deus que adoram todos os mortais,
Fala se esta alma sob o guante atroz da dor, no Édem distante,
Verá a deusa fulgurante a quem nos céus chamam Lenora!”
E o Corvo disse: “Nunca mais”.

“seja isso a nossa despedida!” — ergo-me e grito, alma incendiada —
“Volta de novo à tempestade, aos negros antros infernais!
Nem leve pluma de ti reste aqui, que tal mentira ateste!
Deixa-me só neste ermo agreste! Alça o teu vôo dessa porta!
E o Corvo disse: “Nunca mais”.

E lá ficou! Hirto, sombrio, ainda hoje o vejo, horas a fio,
Sobre o alvo busto de Minerva, inerte, sempre em meus umbrais.
No seu olhar medonho e enorme o anjo do mal, em sonhos, dorme,
E a luz da lâmpada, disforme, aira ao chão a sua sombra.
Nela, que ondula sobre a almofada, está a minha alma; e pressa à sombra,
Não há de erguer-se, ai! Nunca mais!

